

GRAFISMOS RUPESTRES EM AFLUENTES DO RIO TEJO NO DISTRITO DE CASTELO BRANCO

**Rock carvings on tributaries of the right bank
of the Tagus river in the district of Castelo Branco**

F. Henriques, J. Caninas, M. Chambino, F. Robles
Henriques, T. António, C. Santos & A. Canha



Vila Velha de Ródão, 2013

GRAFISMOS RUPESTRES EM AFLUENTES DA MARGEM DIREITA DO RIO TEJO NO DISTRITO DE CASTELO BRANCO¹

Rock carvings on tributaries of the right bank of the Tagus river in the district of Castelo Branco

Francisco Henriques, João Carlos Caninas, Mário Chambino, Fernando Robles
Henriques, Telmo António, Cézer Santos e Alexandre Canha²

Palavras-chave: rios Erges, Ponsul, Ocreza e Aravil, grafismos rupestres, Pré-
História Recente

Key-words: Erges, Ponsul, Ocreza and Aravil riveres; rock carvings; Recent
Prehistory

¹ Este texto corresponde à comunicação apresentada pelos signatários em 23 de Abril de 2010, nas 1ª Jornadas de Arte Pré-Histórica do Sudoeste Europeu, realizadas no Fundão por iniciativa do Museu Arqueológico Municipal. Este texto foi redigido em 2012, não tendo sido actualizado após essa data.

² Membros das Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT) e colaboradores de Zephyros Lda.

Resumo

Ao longo da última década foram prospectados, ou revisitados, os principais afluentes da margem direita do rio Tejo (rios Ocreza, Aravil e Erges) no âmbito de projectos científicos e de estudos de impacte ambiental. Nesta comunicação dá-se conhecimento dos resultados obtidos pelos signatários, em matéria de grafismos rupestres pré-históricos, em contexto de investigação (AEAT) e de projectos de Arqueologia empresarial (Zephyros, Lda).

A prospecção arqueológica no vale do rio Erges foi iniciada em 2005 na margem direita (Espanha), pelo arqueólogo Luis Nobre, e em 2007, na margem esquerda (Portugal), por equipa da Associação de Estudos do Alto Tejo. No âmbito dessa pesquisa foram registados, em ambas as margens, 14 locais com arte rupestre esquemática, alguns dos quais com vários painéis. Deste conjunto destacam-se três abrigos, situados a curta distância do leito do rio, dois deles gravados com motivos antropomórficos.

O vale do rio Aravil foi alvo de prospecção arqueológica, em 2007 e 2008, não se tendo identificado grafismos rupestres. Contudo, obteve-se informação oral da existência de enorme gravura, representando a cabeça de um gato, sobre painel vertical de grauvaque, na foz do ribeiro do Gato, hoje submersa pela albufeira de Cedillo.

O rio Ponsul foi alvo de prospecção parcial em 1973 pelo Grupo Amador Juvenil de Arqueologia de Castelo Branco. Não se identificaram grafismos

rupestres antigos, neste vale, mas na estrutura de alguns moinhos existem gravados de épocas recentes com motivos e técnicas que se aproximam da arte rupestre do Tejo. A parte terminal deste rio, numa extensão de vários quilómetros, também se encontra submersa pelas águas da albufeira de Cedillo.

Finalmente, a identificação de grafismos rupestres pré-históricos no vale do rio Ocreza teve início em 1973, por equipa do Grupo de Estudos do Paleolítico Português, logo após a descoberta do complexo de arte rupestre do Tejo. Deste trabalho ressaltam cerca de 20 painéis gravados, entre a Foz do rio Ocreza e a Barragem da Pracana. O estudo deste património foi retomado mais recentemente por equipas do Museu de Mação e do Instituto Politécnico de Tomar.

Em 1986, tirando partido do esvaziamento da barragem da Pracana, o Núcleo Regional de Investigação Arqueológica efectuou breve campanha de prospecção identificando algumas gravuras no leito aberto nos depósitos aluvionares criados pela albufeira daquela barragem.

Em 2000, no decurso das obras da Auto-estrada da Beira Interior, foram identificados outros grafismos incluindo a representação de um equídeo, o primeiro achado de arte rupestre paleolítica na região.

Mais recentemente, em 2009, no âmbito de projecto hidroeléctrico, foram identificados 19 sítios com grafismos rupestres, tanto no rio Ocreza como em alguns dos seus afluentes.

O património gráfico presente nos rios Ocreza e Erges, quando comparado com o chamado complexo de Arte do Tejo, cuja centralidade está no troço situado entre os concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, parece apontar novas fronteiras para aquele complexo gráfico, reforçando a hipótese, por continuidade territorial e contexto arqueológico, de existirem conjuntos gráficos, expressivos, no Tejo Internacional, aliás já indiciados em Herrera de Alcântara nos anos 70 do século passado.

Abstract

Over the last decade have been surveyed, or revisited, the main tributaries at the right bank of the Tagus river (Ocreza, Aravil and Erges rivers) in the frame of scientific projects and environmental impact studies.

This communication provides information on the results obtained by the authors in respect of prehistoric rock artwork in the context of research (AEAT) and projects under business Archaeology (Zephyros Ltd).

The archaeological survey in the Erges river valley was started in 2005 at the right bank (Spain), by the archaeologist Luis Nobre, and in 2007, on the left bank (Portugal), by the AEAT team. In the context of this research has been reported in both banks, 14 sites with schematic rock art, some of which showing multiple panels. Within this set three sites are highlighted, rock shelters located in a short distance of the river bed engraved with anthropomorphic motifs.

At the Aravil river valley the archaeological survey was undergone in 2007 and 2008, and no rock art has been identified until now. However, we obtained oral information of the existence of a huge engraving at the mouth of Gato (Cat) brook, representing the head of a cat on a vertical bed of greywacke, now submerged by the Cedillo reservoir.

The Ponsul river was partially studied in 1973 by the *Grupo Amador Juvenil de Arqueologia* (Castelo Branco). No ancient rock art was identified in this valley, but in the structure of some watermills were engraved, in recent times, motifs with similar techniques to the Tagus valley prehistoric rock art. The distal sector of this river is also flooded, within several kilometres, by the Cedillo reservoir.

Finally, the identification of prehistoric rock engravings at the Ocreza river valley began in 1973 by the *Grupo para o Estudo do Paleolítico Português*, shortly after the discovery of the Tagus rock art complex. At this study are emphasized about 20 panels with engravings, amid the mouth of the Ocreza river and the Pracana dam. The investigation on this heritage was taken up more recently by teams from the Mação Museum and the Polytechnic Institute of Tomar.

In 1986, taking advantage of short-term emptying of the Pracana reservoir, the *Núcleo Regional de Investigação Arqueológica* conducted a brief survey campaign, from which were identified some engravings in the open bedrock clean from alluvial deposits created by the dam reservoir.

In 2000, during the construction of the Beira Interior Highway, other artwork were identified, including the representation of an Equine, the first finding of Paleolithic rock art in the region.

More recently, in 2009, and within an hydropower project, 19 sites were identified with rock engravings, both in the Ocreza river and in some of its tributaries.

The rock art present at the rivers Ocreza and Erges, when compared with the Tagus rock art complex, whose centrality is located between the municipalities of Vila Velha de Rodão and Nisa, may indicate new frontiers for the this rock art complex, reinforcing the hypothesis, by territorial continuity and archaeological context, of the existence of large rock art sets in the International Tagus, which has already been recorded at Herrera de Alcantara in the 70ts, of the last century.

Introdução

Em 2011 passaram 40 anos³ sobre a descoberta do Complexo da Arte Rupestre do Tejo. Tal acontecimento, excepcional a nível europeu, foi da responsabilidade de equipa do Grupo para o Estudo do Paleolítico Português (Silva, 1996) que se encontrava em missão prospectiva nos terraços da região de Ródão, e coincidiu com a construção da barragem de Fratel, cuja albufeira

³ Sobre o tema consultar o nº 4 da revista digital *Açafa on line*, editada pela AEAT, http://www.altotejo.org/acafa/acafa_n4.html

iria submergir trecho do rio Tejo, balizado aproximadamente entre a foz do rio Ocreza e a foz do rio Sever, trecho onde tais grafismos se situavam, numa extensão de 40 km.

Como medida de salvaguarda (pelo registo) deste importante património foi constituída equipa, coordenada pelo Dr. Eduardo da Cunha Serrão e financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, que executou, com carácter urgente, o levantamento (mediante registos, topográfico, fotográfico e em molde) dos grafismos rupestres reconhecidos no trecho fluvial que iria ficar submerso. Enquanto decorriam os registos, uma equipa de prospecção expandiu as suas progressões no rio Tejo, para montante e para jusante do trecho a alagar, bem como nos principais afluentes deste rio. Foi nesse âmbito que foram prospectados os rios Ocreza e Erges, o primeiro dos quais com resultados positivos, e foram obtidas informações quanto à existência de gravuras rupestres, na margem do Tejo Internacional, em Herrera de Alcântara.

Os resultados deste trabalho foram publicados a partir de 1972 (Baptista *et al.*, 1974, 1978; Baptista, 1981; Serrão *et al.*, 1972a, 1972b, 1973, Serrão, 1974; Gomes, 1980, 1987, 1989 e outros trabalhos).

Com esta comunicação pretendemos fazer um ponto da situação do conhecimento acerca da presença de grafismos rupestres⁴, antigos, nos quatro

⁴ Por razões de segurança, e de modo a minimizar a ocorrência de actos de vandalismo, não se indicam as coordenadas geográficas dos sítios com grafismos rupestres. Contudo, a existência destes sítios tem sido comunicada aos organismos de tutela, sob a forma de relatórios.

principais afluentes do rio Tejo, situados no Sul do distrito de Castelo Branco, os rios Erges, Aravil, Ponsul e Ocreza, considerando os contributos aportados por trabalhos recentes.

Impunha-se fazer esta avaliação para compreender a inserção destes cursos de água no Complexo de Arte Rupestre do Tejo e para o delimitar territorialmente. Este conhecimento, adicionado ao trabalho realizado nas últimas décadas nas plataformas envolventes destes quatro rios e que se diversificou com a identificação de pinturas esquemáticas na serra das Talhadas (Henriques *et al.*, 2011a), completa o quadro de referência da Pré-História Recente no Tejo Interior.

A identificação de grafismos rupestres, naqueles rios, teve vários protagonistas, ao longo das últimas décadas. No rio Erges, os primeiros trabalhos de prospecção arqueológica datam dos anos 70 do séc. XX (Serrão & Serrão, 1973) aquando da descoberta de gravuras pré-históricas, nas margens do rio Tejo, em Vila Velha de Ródão e Nisa.

Em 2005 uma equipa luso-espanhola prospecta a margem esquerda daquele rio, num trecho correspondente ao município de Alcântara (Espanha), e identifica (Nobre, 2008) gravuras em seis rochas, ao ar livre, e num abrigo (abrigo Catarina). Ao ar livre foram identificadas 36 figuras (17 círculos, seis semicírculos, três círculos concêntricos, um círculo compartimentado, um círculo com ponto central, uma linha e sete manchas) e no abrigo ocorrem 16

figuras distribuídas por três painéis (dez antropomorfos, dois pontos, duas linhas, uma mancha e uma figura de tipologia indeterminada)⁵.

Em 2007 a Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT) inicia a prospeção da margem direita do rio Erges, atingindo, até ao momento, uma extensão de 23 km, no trecho inferior daquele rio. Os resultados desse trabalho foram apresentados em de Maio 2009, em Romangordo (Espanha), na 2ª Reunião da Pré-História do Tejo Interior (Henriques *et al.*, 2011b).

Nas margens do rio Aravil, percorridas em 2007 e 2008 por equipa da AEAT (Henriques, Caninas & Chambino, 2008a), não foram identificadas gravuras mas obteve-se informação oral da existência de uma figura, em painel vertical, na confluência do Ribeiro do Gato com o Aravil, representando “*enorme cabeça de gato que segue as pessoas com o olhar*”, que terá motivado a atribuição do nome Gato ao ribeiro. Actualmente, o percurso terminal destes dois rios (Erges e Aravil) encontra-se submerso pelas águas da albufeira criada pela barragem de Cedillo.

O rio Ponsul foi parcialmente percorrido em 1973, entre a ponte de Malpica do Tejo (Castelo Branco) e a área de Alfrívada (Vila Velha de Ródão), com resultados negativos. Num segundo momento, nos finais dos anos 90 do século passado e em 2007, foram observadas, de modo não contínuo nem sistemático, as margens deste rio para montante e para jusante da ponte da Monheca (Castelo Branco). Nesses momentos, foram observados oito rochas

⁵ Os resultados desta pesquisa foram discutidos numa dissertação de mestrado em Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre, no Instituto Politécnico de Tomar e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, já publicada (Nobre, 2008).

gravadas, quatro delas contendo manchas de grafismos antigos. Com a continuação dos trabalhos considera-se elevada a probabilidade de existirem novos painéis, ainda que a área do vale com maior potencial se encontre submersa, ao longo de vários quilómetros, devido à albufeira de Cedillo.

A identificação de gravuras no rio Ocreza, no seu trecho terminal, situado entre Vila Velha de Ródão e Mação, teve início aquando do levantamento do complexo de arte rupestre do Tejo (Gomes, 1987: 26), nos anos 70, e o seu estudo foi retomado, mais recentemente, por investigadores do Instituto Politécnico de Tomar (Oosterbeek, 2003). A AEAT prospectou, em 1986, trecho intermédio daquele rio, aquando do esvaziamento da albufeira de Pracana, para reparação da respectiva barragem. Os resultados, muito condicionados pelo assoreamento do vale, circunscreveram-se a alguns painéis com manchas de picotado e uma rocha com covinhas (Henriques, Caninas & Batista, 1986). Em 2009, no âmbito do Estudo de Impacte Ambiental do Aproveitamento Hidroeléctrico do Alvito, foram identificados novos painéis com gravações (Zephyros, 2009).

Finalmente, no rio Sever, um afluente da margem esquerda do Tejo que separa o Alto Alentejo (Portugal) da Província de Cáceres, obteve-se informação, não confirmada por ausência de prospeção, da existência de gravuras rupestres na margem daquele rio próximo de Montalvão.

Estes quatro rios (Figura 1), que serão seguidamente apresentados de oriente para ocidente, ficam localizados no centro interior de Portugal, no sul do distrito de Castelo Branco.

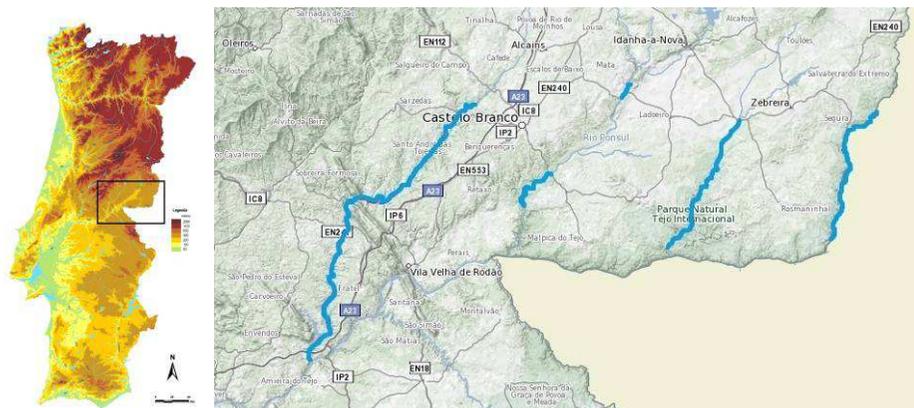


Figura 1. Localização dos trechos prospectados nos rios (da direita para a esquerda) Erges, Aravil, Ponsul e Ocreza.

1. O rio Erges e o seu vale

1.1. Localização e enquadramento natural

O rio Erges marca a fronteira entre Portugal e Espanha num percurso com mais de 50 km de comprimento. Em termos administrativos, limita a leste o distrito de Castelo Branco e os concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor. Em Espanha confina com os municípios de Cilleros, Zarza la Mayor, Piedras Albas e Alcântara, na província de Cáceres, da comunidade da Extremadura.

O vale do rio Erges encontra-se aberto, maioritariamente, nas rochas metassedimentares que constituem Grupo das Beiras (anteriormente designado Complexo Xisto-grauváquico Ante-Ordovício). Contudo, em Monfortinho, o vale atravessa formação quartzítica e nas áreas de Salvaterra

do Extremo e de Segura rompeu plutonitos graníticos e tonalíticos, de grão médio a grosseiro, formando magníficos canhões fluviais.



Figura 2. Rio Erges na Guardada, próximo da foz do Tejo.

O território envolvente é caracterizado por vales profundamente recortados, característicos das rochas do Grupo das Beiras, e nas cotas superiores conservam-se retalhos de antigos depósitos detríticos grosseiros de idade cenozóica, formando superfícies aplanadas. As massas graníticas têm um impacto reduzido em termos morfológicos, pelo menos no território português, devido à sua menor expressão.



Figura 3. Rio Erges no Mistro.

O rio Erges corre, aproximadamente, na direcção nordeste-sudoeste. Drena águas da cordilheira central, a partir da Serra da Gata, em Espanha, onde tem a nascente e apresenta características torrenciais, com caudal diminuto durante o Verão e elevado no período das chuvas. Durante o estio predominam os longos pegos e o caudal é reduzido. O grau de encaixe do vale aumenta, progressivamente, à medida que se aproxima da foz, sobre a margem direita do rio Tejo.

Actualmente é um vale pouco humanizado e sem barragens, excepto na parte terminal do seu curso que está parcialmente submerso pela albufeira da barragem de Cedillo. Tem, conseqüentemente, elevado valor natural e paisagístico. Destes valores destaca-se a rica e diversificada flora (carrasco, azinheira, zambujeiro, oliveira, choupo, freixo, salgueiro, amieiro e, entre as espécies arbustivas, o rosmaninho, o tojo, a esteva, a giesta, etc.), fauna (cegonha negra, águia, grifo, melro, garça-real, cotovia, abelharuco, e entre os mamíferos, veado, corço, javali, lebre, coelho, raposa) e geodiversidade (Rodrigues, Carvalho & Galdes, 2008). Parte do seu vale integra o Parque Natural do Tejo Internacional e o Geopark Naturtejo da Meseta Meridional, sob os auspícios da UNESCO, contempla três geomonumentos no rio Erges, os canhões fluviais de Monfortinho, de Salvaterra do Extremo e de Segura, para além de diversos outros geossítios.

1.2. Marcas de humanização e enquadramento arqueológico

Em termos gerais, não são abundantes as marcas da presença humana ao longo do vale do rio Erges. A densidade destas marcas diminui à medida que nos afastamos dos actuais aglomerados populacionais e recuamos no tempo, sendo ainda mais raras no troço final do seu percurso.

Actualmente, o vale é utilizado como ponto de passagem (Monfortinho, Salvaterra do Extremo e Segura), como local de exploração de parcelas hortícolas de pequena expressão (Monfortinho, Salvaterra do Extremo e Segura) e como espaço de lazer (pesca, pedestrianismo).

Até meados do século passado a força motriz da água era aproveitada em vários moinhos implantados ao longo do seu curso, numa e noutra margem. Estes sistemas produtivos incluíam, além de engenho (moinho de rodízio), açude e levada, instalações para o moleiro, estas situadas a uma cota mais elevada. Estes locais correspondiam, frequentemente, a pontos de transposição de uma para a outra margem. Estes moinhos e açudes são repetidamente referidos na demarcação de fronteira efectuada em 1537 entre Portugal e Castela (Moreno, 2003), sendo mencionado um dos proprietários, Gyll Martinz, que poderá corresponder ao moinho assinalado na Carta Militar de Portugal, com o nome Moinho do Martins, na margem portuguesa, logo a montante do Mistro.

Em alguns pontos do vale, sobretudo no lado português, existem parcelas que foram agricultadas até há cerca de 50 anos. Nesses locais observam-se muros de suporte de olival e algumas oliveiras resistem envolvidas por densa cobertura arbustiva.

Para enquadramento arqueológico considerou-se o território balizado pelo rio Tejo, a Sul e a Este, pelo rio Aravil, a Oeste, e pela estrada que liga Ladoeiro (Portugal) a Alcântara (Espanha) a Norte. O rio Erges corre no interior deste espaço.

Na margem esquerda do Erges, em território espanhol, há registos de inúmeras sepulturas megalíticas e de um menir, na área de Alcântara (Bueno *et al.*, 2006:23). Devem-se aos investigadores Primitiva Bueno-Ramírez, Rodrigo de Balbín-Berhmann e Rosa Barroso-Bermejo, e colaboradores, os mais importantes contributos para a caracterização da arte megalítica, dos

rituais funerários Neo-calcolíticos e dos paleoambientes da região de Alcântara, a partir, nomeadamente, do estudo dos dólmenes de Juan Ron, Trincones e Maímon (Bueno Ramírez *et al.*, 2000a, 2000b).



Figura 4. O canhão de Segura no rio Erges.

Na margem direita, nos finais dos anos 70, o Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas do Rosmaninhal identificou inúmeros monumentos megalíticos (GEPA, 1979) no enclave meridional do concelho de Idanha-a-Nova, correspondente à freguesia de Rosmaninhal, actividade iniciada por M. Chambino. Alguns dos monumentos então identificados situavam-se em áreas

sobranceiras ao Baixo Erges, contudo, a prospecção não desceu às margens daquele rio. No início dos anos 80 a AEAT estendeu a sua investigação ao território do Rosmaninhal, direccionada para o inventário geral de património arqueológico e o estudo do megalitismo, mas a prospecção do vale do Erges foi novamente adiada. Essa pesquisa deu origem à Carta Arqueológica do Tejo Internacional (Henriques, Caninas & Chambino, 1993; Henriques, Caninas & Cardoso, 1999b), a vários relatórios, e à publicação, em congressos e revistas da especialidade, das escavações efectuadas em diversos monumentos (Cardoso, Caninas & Henriques, 1997, 2000, 2003; Cardoso *et al.*, 1995).

No território confinado entre os rios Erges, Aravil e Tejo estão inventariados (Henriques, Caninas & Chambino, 1993, 2004; Henriques, Caninas & Cardoso, 1998, 1999a, 2000, 2001; Henriques *et al.*, 2007) mais de duas centenas de sítios da Pré-História recente e da Proto-História; a maioria são estruturas funerárias sob montículo artificial, ou mamoa (121) mas também foram identificados recintos líticos, menires e estelas, sítios de *habitat* (17) e grafismos rupestres (32), incluindo rochas com covinhas. A partir do conhecimento actual, reconheceram-se três zonas de maior concentração de vestígios. A primeira, com antas-mamoas, rochas com covinhas e povoados tardios, acompanha o vale do Tejo até à área do Cabeço Mouro, sendo provável que tal densidade continue até à foz do rio Erges (por impedimento de acesso, existe uma lacuna de conhecimento na Herdade do Vale da Morena). A segunda zona situa-se entre a foz da ribeira do Aravil e o rio Erges, ocupando extensa plataforma detrítica, a “serra”, que atravessa aquele espaço em diagonal. Ali, predominam os sítios de *habitat* disperso, alguns com vários hectares de extensão e antas-mamoas. A terceira zona assenta sobre outra

plataforma detrítica que se estende do rio Aravil até à ribeira da Enchacana, com concentrações no Couto da Espanhola e no Couto do Amieiro. Aqui predominam também as estruturas funerárias (antas-mamoas) e ocorrem sítios de *habitat*, embora em menor número e extensão que na zona anterior, e rochas com covinhas.

As construções funerárias implantam-se maioritariamente sobre as plataformas detríticas pliocénicas, mas também ocorram directamente sobre as rochas do Grupo das Beiras, e em termos de altimetria situam-se desde os pontos mais elevados até posições deprimidas, sobranceiras aos cursos de água que drenam este território. A tipologia dos monumentos funerários é variada (cista, câmara simples, fechada ou aberta, câmara e corredor bem diferenciados) sendo também diversificados, tanto na tipologia como em quantidade, os conjuntos artefactuais que contém. Estes monumentos foram construídos com rochas locais, com destaque para filitos e metagrauvaques, empregues sobretudo na estrutura funerária, e quartzo leitoso, elemento de presença invariável nas estruturas monticulares, sob a forma de couraças ou de *cairns*. A arquitectura e os espólios, recolhidos em escavações arqueológicas, sustentaram uma evolução do megalitismo funerário entre o V e o III milénio a.C. (Cardoso, Caninas & Henriques, 2003).

Os vestígios de *habitat*, atribuíveis ao Neolítico-Calcolítico, ocupam o topo aplanado das plataformas detríticas, com elevada dispersão no terreno e abrangem, por vezes, áreas muito extensas, evidenciando um padrão similar ao observado a jusante nos concelhos de Vila Velha de Ródão (Caninas, Henriques & Gouveia, 2004), Nisa, Castelo Branco e Mação. Actualmente, tais vestígios, evidenciados pela dispersão, à superfície, de indústria lítica em

pedra lascada (microlítica e macrolítica), em quartzito e sílex (menos frequente), em pedra polida (machados, enxós, martelos), pedra afeiçoada (dormentes e moventes de mós manuais) e alguma cerâmica, ocorrem maioritariamente em olivais. A ausência de intervenções arqueológicas e de estudos específicos impede uma melhor caracterização destas ocupações de tipo residencial, no território em apreço, embora se disponha de resultados indicativos desta realidade, a jusante, no concelho de Vila Velha de Ródão, decorrentes das escavações efectuadas nos povoados da Charneca de Fratel (Soares, 1988) e do Cabeço da Velha (Cardoso *et al.*, 1998).

Contudo, nas regiões envolventes do Erges, em Castelo Branco e Cáceres, embora fora do território de Rosmaninhal, estão documentados inúmeros locais de *habitat*, mais confinado no espaço, com cronologias do Neolítico, do Calcolítico, da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (Vilaça, 2008; Soares, 1988; Martín Bravo, 2009). Em alguns desses sítios foram documentadas reocupações em diferentes momentos, com ou sem continuidade, como são os casos dos povoados de Charneca de Fratel (Neolítico Final/Calcolítico Inicial), do Monte do Frade (Neolítico Médio/Bronze Final), do Ramalhão (Neolítico Final/Calcolítico Inicial), da Cachouça (Neolítico Final/Bronze Final/Ferro Inicial) e do Monte do Trigo (Calcolítico Pleno/Bronze Final).

Os grafismos rupestres mais frequente no planalto correspondem a rochas gravadas com covinhas - tema já abordado pelos signatários (Henriques, Caninas & Chambino, 1995) -, com um padrão de distribuição que parece acompanhar os das estruturas funerárias e que é evidente na anta da Granja de São Pedro, dada a sua presença em menir inserido na respectiva mamoa (Almeida & Ferreira, 1971). Além destes motivos, existem alguns monólitos, de

configuração menírica, com gravações picotadas ou incisas (Cabeço Mouro/Santa Marina). Mais interessante, pela sua maior analogia com os grafismos do Erges, é o caso das representações humanas esquemáticas da Lapa da Moura, presentes num abrigo, situado perto de Monsanto, no concelho de Idanha-a-Nova (Almeida & Ferreira, 1966).

Com relevância do ponto de vista gráfico-simbólico, embora constituindo realidade distinta das anteriores, refiram-se a estela antropomórfica atribuível ao final do Calcolítico ou ao Bronze Inicial do Monte dos Zebros (Cardoso, 2011a, 2011b), a estela de guerreiro descoberta no mesmo sítio (Henriques, Chambino & Caninas, 2012) e a estela zoomórfica do Poço do Chibo (Cardoso, Caninas & Henriques, 2003), que em nosso entender contém figura idoliforme, lembrando pela semelhança formal as figurações de idêntica tipologia presentes na rocha do Monte da Laje (Valença), no Noroeste Peninsular, a que foi igualmente atribuída cronologia entre o Calcolítico e a Idade do Bronze (Baptista, 1986).

Admite-se que este quadro de referência da ocupação pré-histórica do território de Rosmaninhal esteja associado, pelo menos em algumas das suas etapas, à produção de grafismos rupestres nas margens do rio Erges.

1.3. Grafismos rupestres

Para além dos casos que nos interessam mais directamente, do ponto de vista cronológico, e que serão apresentados de seguida, com detalhe, importa referir que foram identificados outros grafismos, de idade moderna, associados

quase sempre às construções existentes nas margens do rio, nomeadamente moinhos de rodízio.

A primeira equipa que se deslocou ao rio Erges com o objectivo de identificar grafismos rupestres pré-históricos foi o Grupo de Estudos do Paleolítico Português, em 1973. Regista Mário Varela Gomes (Gomes, 1989: 51) um testemunho desta rápida incursão: "*pela manhã, não muito cedo, lá fomos com o hoje arqueólogo Francisco Sande Lemos e com o historiador de arte Vitor Serrão, primeiro de automóvel, depois a pé, por encostas íngremes que pareciam não ter fim, calcorrear o afluente Erges, junto à fronteira com Espanha, e, à tarde, a área do Cachão do Algarve, procurando novas rochas decoradas e outras estações de arte rupestre.*"

Após uma longa pausa retomaram-se os trabalhos, agora por diferentes equipas consoante as margens (Figura 5).

Os resultados da pesquisa dos grafismos da margem esquerda (Espanha) foram publicados por Luís Nobre (Nobre, 2008). Quanto à margem direita, as prospecções empreendidas pela AEAT ficaram confinadas, até ao momento, a 23 km, no trecho inferior daquele rio (Baixo Erges) e os resultados obtidos, desenvolvidos neste texto, tiveram uma primeira notícia em 2008 (Henriques, Caninas & Chambino, 2008) e foram retomados mais tarde (Henriques *et al*, 2011b, 2012a).

No decurso destes trabalhos foi identificado um povoado muralhado cujos vestígios sugerem ocupação no Bronze Final. Está implantado no interior de um apertado meandro, formado por um afluente do rio Erges, e detém posição

sobranceira ao vale daquele rio. A muralha, espessa, com cerca de 4 m de desnível para o exterior, foi construída com volumosos blocos grauváquicos, e posiciona-se no sentido Este-Oeste, fechando o lado de mais fácil acesso ao cabeço sobre o qual se situa o povoado. Observa-se uma entrada evidenciada por rampa de acesso ao interior do recinto, Os extremos (Este e Oeste) da muralha têm pedras fincadas ao alto para mais fácil travamento da estrutura.



Figura 5. Distribuição de grafismos rupestres no rio Erges.

Entre os artefactos observados, que incluem cerâmica, elementos de farinação e percutores de quartzo, merece destaque uma valva de molde de fundição de quatro varetas, semelhante a exemplares recolhidos em povoados da Beira Interior, nomeadamente Alegrios e Moreirinha, no concelho de Idanha-a-Nova (Vilaça, 1995).

Apresentam-se, seguidamente, nove locais com grafismos rupestres, na margem direita do rio Erges, ordenados de jusante para montante.

Tivemos oportunidade de mostrar alguns dos sítios gravados da margem direita a uma equipa de especialistas em arte rupestre do Parque Arqueológico do Vale do Côa, formada por António Martinho Baptista e André Tomás Santos, que atestaram a antiguidade do conjunto de gravações incisivas situado na Foz do Ribeiro das Taliscas.

Na Foz do Ribeiro das Taliscas foi identificado um abrigo ciclópico (Henriques *et al*, 2011b), bem dissimulado na paisagem, embora localizado a escassos metros de distância do leito do rio, num ponto onde a travessia se podia fazer sobre um açude. O abrigo é delimitado por três enormes blocos de metagrauvaque, assentes directamente sobre o afloramento rochoso, formando um vão de 2,5 m de fundo, por 2,1 m de largura e 2,2 m de altura.

Pelo modo como estes blocos estão dispostos e pela facilidade do seu desprendimento a partir do afloramento sobranceiro, não é de excluir a hipótese deste abrigo ter sido construído, mesmo que parcialmente. Para o efeito, poderá ter sido provocada a queda do bloco solto que se encontra no lado inferior do abrigo, apesar da sua enorme dimensão.

A estrutura assenta directamente sobre uma superfície aplanada do substrato rochoso e no seu interior existe algum enchimento, constituído por pedras, terra e areia, resultante de depósito moderno, carregado pelo rio em período de maior caudal.

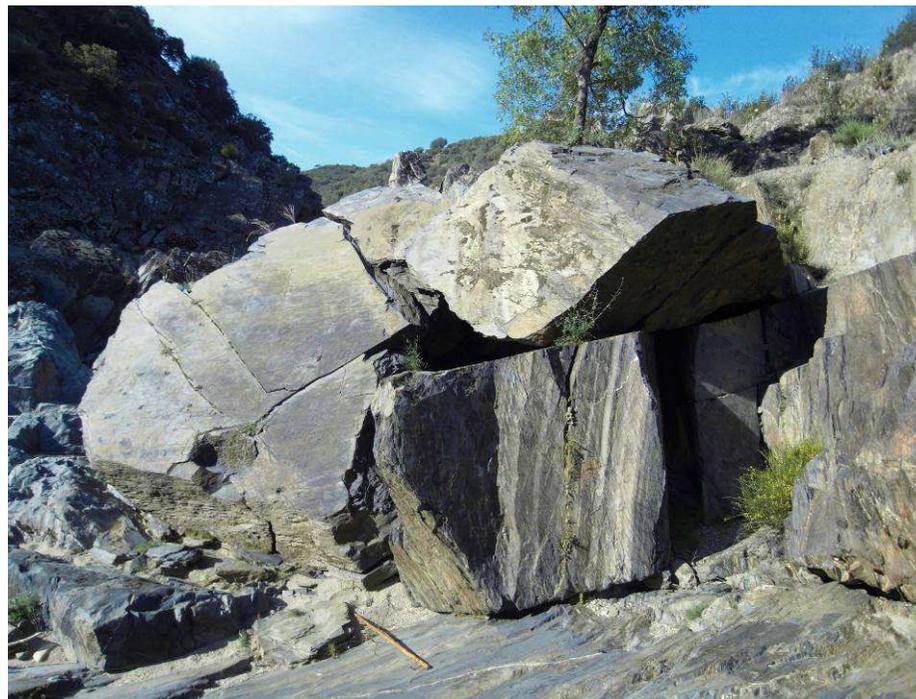


Figura 6. Abrigo ciclópico na foz do Ribeiro das Taliscas.

O abrigo tem uma entrada virada a Nordeste, recuada em relação ao rio, e uma outra, em posição frontal, voltada para o leito do rio, tendo sido alargada para facilitar a acesso ao interior. Actualmente, a entrada principal, voltada a Este, pode ter resultado do alargamento de uma fenda, que ali haveria,

funcionando talvez como janela, numa época em que o único acesso se faria pela retaguarda.

Neste local existiu um moinho, indiciado por pequenas cavidades rectangulares abertas na rocha de base, destinadas ao assentamento do edifício, uma mó em granito, no leito do rio, uma calçada de acesso e grafismos modernos, abertos por picotagem na superfície subvertical de um grande bloco rochoso. Estamos certos que durante a exploração do moinho o abrigo foi também ocupado e terá sido, talvez, neste período que foi alargada a actual entrada principal, voltada para o rio.

Neste sítio foram observadas duas técnicas de gravação: picotagem e incisão fina.

Os picotados concentram-se num imenso painel subvertical sobre bloco solto, no exterior do abrigo, junto da entrada principal deste, e são constituídos por letras (iniciais de nomes) e números (datas): J. F. 1942 (26 – 3); 1893 (23 S); 1941 FVBP METM; F. H (?), 1888, M.C.D.L. (?); 1705 (8-5 [?]); MDBJ; GDD. As datas correspondem aos séculos XVIII a XX. No canto inferior direito deste painel, junto da entrada do abrigo, observam-se gravações incisas finas e muito erodidas.

No interior do abrigo identificou-se um conjunto de incisões, não figurativos, na face vertical de um bloco de contorno sub-trapezoidal que limita o abrigo pelo lado Nordeste. Aquelas gravações concentram-se numa mancha de 40 cm x 80 cm, no lado Oeste do painel, junto da entrada traseira. No lado Este do mesmo bloco, junto da entrada frontal, também se observaram incisões, em

menor número, em virtude, talvez, da destruição da superfície do painel para alargamento desta entrada. A superfície gravada apresenta tonalidades de amarelo, vermelho e cinzento-escuro.

Os sulcos apresentam variações de espessura e diferentes pátinas. Há múltiplas sobreposições formando reticulados. Na parte cimeira do painel observa-se o que parece ser a assinatura de um nome, com uma pátina mais clara, de idade coeva da utilização do moinho situado nas proximidades. A maioria dos traços é mais antiga, mostrando uma pátina mais escurecida e concreções minerais formando pequenos nódulos depositados sobre as fissuras de gravação. Após análise preliminar, António Martinho Baptista é de opinião que estas gravações serão anteriores à Idade do Ferro. Contudo, a complexidade deste conjunto gráfico exige um levantamento minucioso, que permita isolar os diferentes motivos e a sequência das gravações.

No arqueossítio denominado Fainina, em painel vertical, de metagrauvaque, de cor castanha-acinzentada, foi observado, a luz natural, um sulco aberto por picotagem, formando linha ondulada, que sugere o dorso de um zoomorfo. Apresenta desgaste por erosão fluvial.

O painel está localizado a cerca de 5 m de distância do leito do rio. A sua metade superior encontra-se revestida com líquenes e a metade inferior está limpa. A gravura assenta sobre o terço superior da face limpa. Este motivo foi observado uma única vez. Em posteriores visitas ao local não foi possível encontrá-lo, por estar, talvez, coberto por depósitos fluviais.

O arqueossítio denominado Ribeiro do Salgueirinho 1 corresponde a superfície grauváquica sub-horizontal, revestida quase completamente com líquenes, contendo dois conjuntos de gravações incisas. O conjunto situado a jusante consiste num feixe de linhas tendencialmente convergentes, ocupando uma mancha com as seguintes medidas ortogonais: 14 cm x 20 cm. A montante observa-se um conjunto de sulcos aproximadamente paralelos ocupando uma área de menores dimensões (8 cm x 4 cm).

Em Tremal 1 existe painel sobre afloramento de metagrauvaque horizontal localizado a cerca de 2,5 m de distância do leito do rio, onde foi gravado um picotado espaçado, definindo mancha de contorno suboval, com 20 cm de diâmetro maior e 15 cm de diâmetro menor. Os negativos têm contorno oval, são amplos e descontínuos. Observam-se outros picotados com menor densidade na periferia da mancha central.

Este tipo de gravações (nuvens) ocorre de forma isolada noutros afluentes do Tejo, nomeadamente no rio Ocreza.

Os grafismos identificados no sítio denominado Tremal 2 têm como suporte uma massa rochosa que avança para o interior do rio e se destaca da superfície caótica dos afloramentos circundantes. Em redor, em posição mais recuada relativamente ao rio, há painéis com ótimas superfícies aplanadas mas sem gravuras.

O painel gravado está localizado 1,5 m acima do nível médio da água e cerca de 100 m a jusante de uma zona de rápidos, de pequena amplitude, e junto de uma passagem a vau. É uma superfície sub-horizontal, irregular, com

tonalidades de cinzento, azul e castanho, caracterizada por pequenas ondulações.



Figura 7. Gravuras no Tremal 2 (antropomorfo, barra e semicírculo).

As gravuras foram inscritas, por picotagem, em superfícies subverticais e consistem em três antropomorfos, um semicírculo e uma linha. O picotado é fino a médio, de contorno circular e forma linhas contínuas. A largura dos sulcos varia de 1,5 cm a 2 cm.

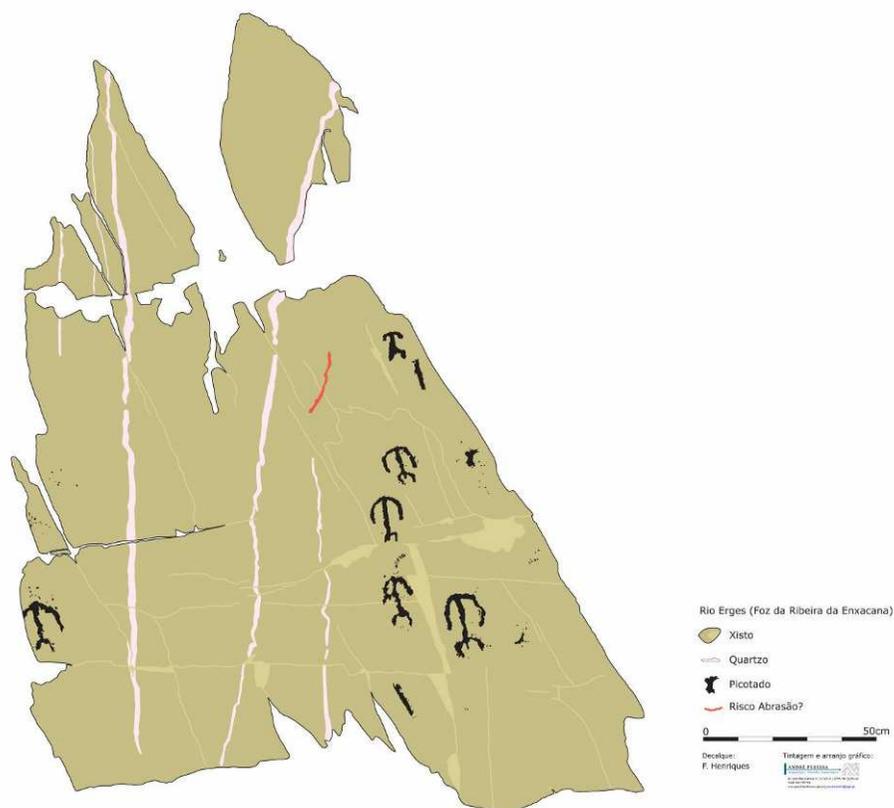


Figura 8. Painel vertical da Foz do Ribeiro da Enchacana 1.

Um dos antropomorfos tem membros superiores, tronco e membros inferiores; os dois restantes apenas membros superiores e tronco. O antropomorfo com membros superiores e inferiores está isolado, ocupando o limite de um painel e em frente de outro antropomorfo, também gravado num plano inclinado. Tem 9

cm de altura e 10,5 cm de largura. O segundo antropomorfo tem membros superiores arqueados e mede 8 cm de altura por 10 cm de largura.

Em superfície vizinha, voltada a Sul, existe um terceiro antropomorfo ancoriforme, um semicírculo, uma linha e um picotado disperso, pouco denso, entre o antropomorfo e a linha. O antropomorfo mede 8 cm de altura por 10 cm de largura. O semicírculo tem 7 cm de raio e o painel apresenta-se estalado mas tal dano não atinge a figura. A figura linear tem 7 cm de altura por 1,5 cm de largura. Tem disposição paralela ao corpo do antropomorfo mais próximo, como que formando um par. Pode tratar-se de uma representação antropomórfica incompleta.

A rocha gravada da Foz do Ribeiro da Enchacana 1 é um pequeno maciço de metagrauvaque, com desenvolvimento vertical, localizado a montante de uma passagem a vau e da foz do ribeiro da Enchacana. A superfície gravada corresponde a um painel vertical voltado para o rio. À frente deste painel há uma superfície rochosa horizontal formando uma esplanada que desce suavemente para o rio.

A superfície gravada, de configuração subtriangular, tem 1,75 m de largura na base por 2,30 m de altura. É atravessada longitudinalmente por filões de quartzo e apresenta fracturas e estalamentos no topo, perpendiculares e transversais. A superfície de gravação tem várias tonalidades de castanho e observa-se um depósito de cor negra, que se sobrepõe a algumas gravuras, produzido talvez pela escorrência de água.

As gravações, figurando antropomorfos e sulcos curtos, estão localizadas nas margens do painel, nos lados direito e esquerdo, deixando vazio o espaço central. O picotado forma sulcos contínuos, profundos, com negativos de contorno circular e de tamanho médio. Junto do limite esquerdo do painel está um antropomorfo isolado. No lado oposto observam-se cinco antropomorfos, quase alinhados na vertical e três pequenos motivos lineares.

Os seis antropomorfos têm representação dos membros superiores e inferiores mas são acéfalos. Dois antropomorfos têm representação do falo. Os membros inferiores têm forma semicircular, excepto num exemplar do lado esquerdo do painel, e são proporcionalmente menores que os membros superiores. A altura destas figuras é variável, dois deles têm 10 cm de altura, um 13,5 cm, dois 17 cm e um 23 cm. A largura destas figuras é proporcional à altura e varia entre 7,5 cm e 14,5 cm.

Os motivos lineares podem corresponder a troncos de antropomorfos incipientes, tendo em consideração a sua orientação relativamente às daqueles.

Na Foz do Ribeiro da Enchacana 2 existe painel vertical, de metagrauvaque, localizado na margem direita do rio Erges, a cerca de 3 m de distância do seu leito e a 1 m acima do nível médio da água. Tem 2 m de largura na base por 1,3 m de altura. A superfície de gravação está voltada para o rio. Tem cor castanha-escura.

A gravação é constituída por duas faixas lineares, ligeiramente curvas, respectivamente com 13 cm e 6 cm de comprimento. O picotado é muito fino,

formando linha contínua com 2 cm de espessura. Ao lado do segmento menor a superfície da rocha parece ter sido escarificada com golpes perpendiculares às linhas de xistosidade.



Figura 9. Interior do abrigo da Tapada da Foz.

O conjunto gráfico da Tapada da Foz situa-se no interior e no exterior de um abrigo localizado na margem do rio Erges, a 7 m de distância da linha de água e a cerca de 1 m acima do nível médio do caudal de Verão, próximo de um pequeno rápido. Neste local terá existido um moinho de que não restam vestígios, tanto do edifício que albergaria o engenho como da casa de apoio. O

único indício de tal existência é a presença, no leito do rio, da base arqueada de um açude construído em técnica de carril, que estava submerso e quase imperceptível aquando do seu reconhecimento.



Figura 10. Antropomorfos no interior do abrigo da Tapada da Foz.

O abrigo é formado por três enormes lajes de rocha metassedimentar tombadas sobre um afloramento com duas superfícies desniveladas. A laje de maiores dimensões define a parte anterior do abrigo e está apoiada obliquamente nos dois planos desnivelados do degrau rochoso. As outras duas lajes, de menores dimensões, fecham as aberturas situadas na parte posterior

do abrigo. A cavidade tem planta subrectangular (3,5 m de profundidade e 2 m de largura) e secção subtriangular. A altura interior é de 1,5 m. A entrada está aberta a 270° N. Além da entrada referida existem duas aberturas ao exterior, uma ao nível do solo, voltada a nascente, e outra a 1 m de altura virada a poente, como que formando uma “janela”. Não se exclui a hipótese do abrigo ter tido uma génese antrópica.

As gravações situam-se sobre a entrada, no chão rochoso do abrigo, em ambos os lados da “janela” virada a poente, no tecto e no fundo do abrigo.

Na face frontal do bloco de maiores dimensões existe uma única figura, inscrita em plano vertical. É um antropomorfo ancoriforme com 5,2 cm de altura por 5,2 cm de largura, com cabeça, membros superiores e tronco. Os negativos têm contorno circular, tamanho médio e distribuem-se de modo contínuo. No exterior do abrigo, junto da entrada foi identificado um círculo.

A maioria dos grafismos encontra-se nos lados da “janela” aberta a poente, em planos verticais e subverticais. No lado esquerdo, em relação a um observador posicionado no interior do abrigo, o painel parece ter sido previamente polido, numa faixa de 50 cm x 10 cm, ainda que haja figuras que extravasam essa área. A preparação de painéis, através de polimento, antes da gravação, também foi reconhecida na margem esquerda deste rio, no abrigo Catarina (Nobre, 2008).

Do lado esquerdo da “janela”, observada a partir do interior do abrigo, existem, aparentemente, seis antropomorfos ancoriformes, figurando apenas os membros superiores e o tronco. A gravação de alguns destes motivos parece

aproveitar saliências arqueadas, presentes na superfície da rocha, para inscrição dos membros superiores. No lado direito da “janela” observam-se mais cinco ou seis antropomorfos sobre superfície áspera e ligeiramente convexa. Os negativos são de média dimensão, de contorno circular e oval e apresentam-se em sequências contínuas e descontínuas.

No tecto observou-se pelo menos mais um antropomorfo, numa face junto da “janela”, e picotado disperso. No fundo da cavidade foram observados três painéis com oito antropomorfos esquemáticos, alguns sob a enorme placa de grauvaque que se desprende do tecto, e em condições de difícil acessibilidade e um círculo com ponto central.

No solo do interior do abrigo, que forma plano inclinado para a entrada, observam-se grafismos tipologicamente distintos dos anteriores. A superfície do painel encontra-se esfoliada em várias pontos, pelo que podem ter existido outras gravações. Foi identificada uma grande mancha subcircular definida por picotado descontínuo, de dimensão média e de contorno circular (14,0 cm x 15,7 cm) no interior da qual foi aberta, por abrasão, um pequena covinha com 2 cm de diâmetro. Ao lado da mancha existe uma segunda covinha (1,5 cm de diâmetro), mais discreta, aberta por picotagem. Noutros pontos do solo do abrigo há picotado disperso.

Finalmente, junto da abertura posterior do abrigo, voltada a nascente, observa-se um motivo oval (zoomorfo sem pernas e sem cabeça?) com 6,7 cm de diâmetro maior e 3,8 cm de diâmetro menor. Os negativos desta figura são amplos, de contorno oval e estão em sequência descontínua.

Na Mansa, foi identificado um painel vertical de grauvaque, voltado para o rio, com 35 cm de largura por 215 cm de altura, com várias tonalidades de castanho-azulado.

Neste sítio observou-se picotado formando mancha, de configuração subcircular, com diâmetros ortogonais de 5,5 cm e 4 cm. Os negativos são amplos, têm contorno circular e baixa densidade.

Quadro 1. Distribuição das principais tipologias e quantitativos de motivos gráficos nas margens do Rio Erges

Margem direita (Portugal)	Motivo	Margem esquerda (Espanha)
31	Antropomorfos	10
1	Zoomorfos (?)	
4	Formas circulares	28
4	Manchas	8
4	Linhas	3
	Pontos	2
2	Covinhas	
5	Filiformes (conj.)	
53 (51%)	Totais e % sobre o total	51 (49%)

2. O rio Aravil e o seu vale

2.1. Localização e enquadramento natural

O rio Aravil, o segundo afluente da margem direita do rio Tejo que apresentamos, flui de nordeste para sudoeste de modo quase paralelo ao rio Erges. Percorre territórios pertencente ao concelho de Idanha-a-Nova e no terço final do seu percurso divide os concelhos de Castelo Branco e Idanha-a-Nova.

O seu caudal tem características quase torrenciais: durante o verão deixa de correr nalguns troços e no período das chuvas pode atingir alguns metros de altura.

O coberto arbóreo das suas margens é constituído por azinheiras, predominantemente na margem esquerda e eucaliptos na margem direita, embora se observem outras espécies como a oliveira. O fundo do vale está frequentemente revestido com densa cobertura arbórea e arbustiva, predominando os amieiros, o que dificulta a visibilidade do solo. Existem áreas escarpadas no vale deste rio que dificultam o seu atravessamento.

O vale é escassamente humanizado. Do passado restam alguns moinhos e vestígios de práticas agrícolas consubstanciadas por muros de suporte.

Predominam as rochas metassedimentares.

2.2. Marcas de humanização e enquadramento arqueológico

O primeiro objectivo da prospecção do vale do rio Aravil consistiu na identificação de grafismos rupestres ao longo das suas margens. Tal objectivo não se concretizou e constatou-se que também não abundavam os painéis com condições ideais acolher aquele tipo de representações gráficas.

Os trabalhos de prospecção arqueológica decorreram durante uma década, de modo, obviamente, intermitente (Henriques, Caninas & Cardoso, 1998, 1999a; Henriques, Caninas & Chambino, 2004 e 2008a). Não se prospectou a totalidade do vale. A observação iniciou-se em ponto situado algumas centenas de metros a jusante da ponte sobre o rio Aravil, pela qual passa a estrada nacional 240 que liga Castelo Branco a Segura, e terminou junto das águas da barragem de Cedillo. Foram percorridos cerca de 23 quilómetros e observadas ambas as margens.

Acerca do vale do rio Aravil não conhecemos outros trabalhos de prospecção arqueológica para além dos realizados por elementos da AEAT, documentados em relatórios aprovados pelos organismos de tutela (Henriques, Caninas & Cardoso, 1998, 1999a; Henriques, Caninas & Chambino, 2004).

O relatório de 1998 (Henriques, Caninas & Cardoso, 1998) regista dois sítios (um achado isolado de grande dormente de moinho manual e um dólmen) próximos do vale, no bordo do planalto.

O relatório de 1999 (Henriques, Caninas & Cardoso, 1999a) regista quatro novos sítios, dois muros-apiários, no fundo do vale, um dólmen e um sítio com indústria lítica pré-histórica (lascas e núcleos) no rebordo do vale.

Na última década foram identificados seis novos sítios (Henriques, Caninas & Chambino, 2004), dois no vale (um muro-apiário e uma importante via com trilhos) e quatro nas plataformas sobranceiras à ribeira (três áreas com povoamento neo-calcolítico e uma via com trilhos)

Nos trabalhos de campo de 2008 foram registadas, neste vale, 14 ocorrências, destacando-se as explorações mineiras, quase todas evidenciadas sob a forma de conheiras, e os moinhos. Destes últimos constatámos o desaparecimento completo dos edifícios moageiros e a sobrevivência dos açudes. cremos que este facto se deve à técnica de construção de uns e outros. Os açudes resistiram, ou parte deles, porque foram construídos em técnica de carril, muito mais resistente que a técnica comum de construção característica destes moinhos⁶.

As explorações mineiras estão implantadas em ambas as margens do rio e algumas delas a cotas elevadas, relativamente ao curso actual. Estas áreas são pouco extensas e quase todas esgotaram a massa aluvionar.

⁶ Os moinhos mais resistentes do Erges, Ponsul e Ocreza estão construídos em técnica de carril, estruturalmente preparados para resistirem à submersão e a fortes correntes.

2.3. Grafismos rupestres

Os trabalhos de prospecção arqueológica, desenvolvidos ao longo de 23 km do vale do rio Aravil, não permitiram identificar grafismos rupestres. Contudo, obteve-se informação oral, junto de vários informantes, acerca da existência de uma enorme gravura representando a “*cabeça de um gato que nos segue com o olhar*”, sobre painel vertical de grauvaque, na foz do ribeiro do Gato com o rio Aravil. Actualmente este lugar encontra-se submerso pela albufeira da barragem de Cedillo. A presumível gravura emprestou o nome ao ribeiro que aqui desagua (ribeiro do Gato) e encontra-se a poucas centenas de metros de distância da confluência do rio Aravil no rio Tejo.

3. O rio Ponsul e o seu vale

3.1. Localização e enquadramento natural

O rio Ponsul é o terceiro afluente, da margem direita do rio Tejo, que tratamos. Este rio nasce na Serra do Ramilo, no concelho de Idanha-a-Nova, e desagua 82 quilómetros depois no rio Tejo, entre Monte Fidalgo (Vila Velha de Ródão) e Malpica do Tejo (Castelo Branco). Tem, aproximadamente, uma orientação nordeste - sudoeste.

Percorre territórios pertencentes aos concelhos de Idanha-a-Nova e de Castelo Branco e nos últimos quilómetros traça a fronteira entre os concelhos de Castelo Branco e de Vila Velha de Ródão.

Da nascente à foz, percorre áreas de geologia variada, iniciando esse percurso na crista quartzítica de Penha Garcia e atravessando seguidamente rochas eruptivas (granito) e metassedimentares.

Tem caudal irregular, quase seco no estio, e níveis caudalosos, que podem atingir alguns metros de altura, durante o período das chuvas.

O vale, nos trechos observados, tem secção quase sempre em forma de V. As margens são escarpadas e estão revestidas de vegetação autóctone, de olival e nas últimas três décadas foi progressivamente ocupado por eucaliptal. A galeria ripícola, na qual predominam os amieiros, marca, quase sempre, o traçado do curso de água.

As margens do trecho final deste rio, numa extensão superior a 14 quilómetros, encontram-se submersas pelas águas da albufeira de Cedillo.

3.2. Marcas de humanização e enquadramento arqueológico

Neste trabalho abordamos apenas o percurso do rio Ponsul a jusante da foz da Ribeira de Alpreade; para montante, numa extensão de vários quilómetros, domina o granito.

No trecho que abordamos, o vale apresenta escassos traços de humanização, excepto nas áreas atravessadas pelas vias de comunicação (estrada nacional 240 - Escalos de Baixo - Ladoeiro, estrada Castelo Branco - Malpica do Tejo e estrada Alfrívica - Lentiscais) e em troços com margens baixas que permitem uma actividade agrícola mais intensa ou de regadio. As marcas da presença

humana mais comuns são as áreas agricultadas, com olival e culturas de regadio, as construções de apoio agrícola e os moinhos de água.

A primeira informação de cariz arqueológico relativa às margens do rio Ponsul, não especificamente do seu vale, remonta à primeira década do século passado.

É da autoria de Francisco Tavares de Proença Júnior que assinala um conjunto superior a três dezenas de monumentos megalíticos, predominantemente na margem direita. Um dos conjuntos foi mesmo denominado como a *necrópole megalítica do Ponsul*, na área da Mata e Escalos de Cima. Nesta mesma área recolheu mais de duas centenas de instrumentos de pedra polida e escavou, com bastante rigor para a época, a anta da Urgueira (Proença Jr, 1909). Ainda no vale do Ponsul e zona envolvente próxima, identificou e estudou dois povoados Pré-históricos / Proto-históricos, o castro de São Martinho (Castelo Branco) e o castro dos Castelinhos (Alfrívica), várias estações romanas e recolheu algumas inscrições (Proença Jr, 1905 e 1910).

Em 1987, ao abrigo do projecto Paleo-Ecologia e Paleo-Antropologia do Alto Tejo Português a Montante de Belver, o Grupo de Estudos do Paleolítico Português realizou trabalho de prospecção nas formações quaternárias do rio Ponsul. Deste trabalho resultou a identificação de 12 sítios na margem direita deste rio. Seis desses sítios foram datados do Paleolítico, um deles também com vestígios romanos, três foram datados do Neolítico – Calcolítico, dois da época romana e um do período medieval (Bicho *et al*, 1994).

O percurso do rio Ponsul é pontuado por diversos moinhos de rodízio. Cassilda Santos (1999) caracterizou, sumariamente, o conjunto situado na vizinhança da ponte da Monheca. No interior de algumas destas estruturas conservam-se grafismos rupestres, de épocas recentes, abertos por picotagem (letras, números, cruciformes, etc).

Na década de 90, do séc. XX, ao abrigo do Projecto Altejo (Pré-história Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português), a AEAT identificou várias ocorrências de interesse arqueológico na envolvente da ponte da Monheca, na margem direita do rio Ponsul (Henriques, Caninas & Cardoso, 1998 e 1999a).

Deste conjunto destacamos: cinco monumentos megalíticos, um na margem esquerda e quatro na margem direita, sendo que estes últimos podem ter integrado a *necrópole megalítica do Ponsul* identificada por Tavares Proença; duas estações de superfície com materiais do período Neo-Calcolítico, na margem esquerda; também na margem esquerda estão localizados vestígios de época romana, em área com maior potencial agrícola. Aqui foi identificada uma via, uma base de ponte, com silhares almofadados, fragmentos de coluna e três estações de superfície com materiais; na margem direita foi ainda identificado um lagar escavado na rocha, duas áreas com cortas mineiras e sete muros-apiários (Henriques *et al*, 2000).

Em tempo posterior, a AEAT cartografou a enorme conheira da ponte do Ponsul, na margem direita do rio, identificada em 1973 e também citada por C. Domergue (1987).

3.3. Grafismos rupestres

A identificação de grafismos rupestres foi o objectivo que motivou elementos do Grupo Amador Juvenil de Arqueologia de Castelo Branco⁷, em 1973, a prospectarem cerca de seis quilómetros de margens do rio Ponsul, com incidência especial na margem direita. Esta prospecção iniciou-se na ponte que serve a estrada de ligação entre Castelo Branco e Malpica do Tejo e terminou na área do Monte dos Inventos (Alfrívada – Vila Velha de Ródão). Não se identificaram grafismos rupestres antigos. cremos que, nesse tempo, não foram valorizadas, como de interesse arqueológico, as manchas de picotados (nuvens) e outros tipos de gravações, “menores”.

Compreendemos mais tarde que a *inexistência* de grafismos rupestres neste rio se poderia dever à ausência de uma prospecção sistemática.

Muitos anos mais tarde, em diversas ocasiões, as margens deste rio, para montante e para jusante da ponte da Monheca (Castelo Branco), foram observadas, de modo não contínuo nem sistemático. No decurso dessas incursões foram observados oito painéis gravados. Quatro desses painéis estão localizados junto da entrada de um moinho e contém grafismos com características diferentes dos restantes que serão contemporâneos da ocupação do moinho.

O painel 1 (Ponte da Monheca 1) tem como suporte xisto azulado (100 cm x 20 cm) e superfície em plano inclinado para o rio. Contém picotado grosso, com

⁷ Associação que veio a transformar-se no Núcleo Regional de Investigação Arqueológica e mais tarde na Associação de Estudos do Alto Tejo.

negativos circulares, definindo uma figura linear (23 cm de comprimento), muito erodida.

O painel 2 (Ponte da Monheca 2), sub-horizontal, em xisto azulado, conserva uma mancha de picotado subcircular (4 cm x 4 cm), não contínuo e pouco profundo.

Quadro 2. Distribuição das principais tipologias e quantitativos de motivos gráficos nas margens do rio Ponsul

Margem direita	Motivo	Margem esquerda
	Antropomorfos	
	Zoomorfos	
1	Formas circulares	
6	Manchas	
2	Linhas	
	Pontos	
1	Covinhas	
	Filiformes (conj.)	
1	Picotado disperso	
1	Outros	
12 (100%)	Totais e % sobre o total	0 (0%)

Os painéis 3 a 6, subverticais, localizam-se junto da entrada de um moinho.

Um deles tem uma mancha (27 cm x 10 cm) de picotado disforme, descontínuo, grosso, com negativo circular. No mesmo painel observa-se o que parece ser o algarismo 1 aberto por picotagem e melhorado por abrasão.

Um segundo painel tem gravado um motivo rectangular (13 cm x 8 cm) dividido interiormente, um círculo (diâmetro 3,5 cm), uma covinha e uma mancha de picotado disperso. A área gravada está compreendida num espaço de 13 cm x 10 cm. O motivo rectangular está interiormente dividido em quatro espaços através de três linhas verticais. Os dois espaços da esquerda estão subdivididos, a meio, por um sulco horizontal proporcionando quatro pequenos quadrados. Devido à divisão, o rectângulo tem 6 espaços interiores (quatro pequenos quadrados na metade esquerda e dois rectângulos à direita). O picotado do círculo e da figura rectangular é fino, profundo e parece ter sido melhorado com abrasão. Sobre a superfície deste painel observa-se ainda picotado grosseiro, disperso, circular, profundo e não contínuo.

Um terceiro painel contém um motivo linear formando um ângulo recto. O picotado é troncopiramidal / cónico, contínuo e profundo.

O último painel deste conjunto conserva duas pequenas manchas de picotado ocupando uma área de 13 cm x 13 cm.

A mancha do topo tem um picotado fino, denso, contínuo e circular e mede 2,5 cm x 2,5 cm com negativos dispersos em redor. A segunda mancha tem pátina recente, o picotado não é contínuo e foi executado com martelo de picar mós.

O painel 7 (Ponte da Monheca 7) está implantado em lugar de destaque na massa de afloramentos da margem. Parece observar-se um picotado fino, subcircular, não contínuo e pouco profundo e incisivos finos com múltiplas direcções. A superfície da rocha parece ter sido erodida com *lixa grossa*.

Finalmente, o painel 8 (Ponte da Moinheca 8) situa-se no interior de um pequeno abrigo natural. Observa-se uma pequena mancha de picotado grosso, de configuração circular, profundo, contínuo e descontínuo.

Este rio carece de uma prospeção sistemática em ambas as margens, embora se encontre inacessível, pela albufeira de Cedillo, no trecho terminal onde será maior potencial gráfico pela adjacência ao rio Tejo.

4. O rio Ocreza e o seu vale

4.1. Localização e enquadramento natural

O rio Ocreza é o quarto, e último, afluente que abordamos neste texto. A área da sua bacia hidrográfica insere-se na região da Beira Interior Sul, no distrito de Castelo Branco.

Este rio nasce na Serra da Gardunha a 1160 m de altitude e desagua no rio Tejo, a jusante da barragem de Fratel. Tem um curso de cerca de 80 Km e uma bacia de 1427 Km². No rio Ocreza existem três barragens: Salles Viana; Santa Águeda (Marateca); Pracana. Nos primeiros quilómetros, a partir da

nascente, tem uma orientação norte-sul (até à freguesia de Caféde) e a partir daí toma a direcção sudoeste.



Figura 11. Vista do vale do rio Ocreza.

Percorre território pertencente aos concelhos de Castelo Branco, no troço superior. No troço médio faz fronteira entre este concelho e o de Vila Velha de Ródão. No terço inferior separa os municípios de Vila Velha de Ródão e Proença-a-Nova e nos últimos quilómetros demarca os concelhos de Vila Velha de Ródão e de Mação.



Figura 12. Outra vista do vale do rio Ocreza.

Os valores de precipitação da sua bacia hidrográfica condicionam um regime de feição torrencial, apresentando forte caudal no inverno e diminuto no verão.

Quanto à geologia predominam as rochas eruptivas (granito) no curso superior do rio Ocreza. No curso médio e inferior dominam os metagrauvaques que integram o Grupo das Beiras. Na área de Foz do Cobrão o rio atravessa a crista quartzítica da Serra das Talhadas, através de uma profunda e apertada garganta.

O coberto arbóreo e arbustivo, sobre rochas metassedimentares, é constituído por amieiro, salgueiro, esteva, carqueja, olival, pinhal e eucaliptal. Na margem esquerda observa-se maior abandono do vale consubstanciado pela invasão das áreas de olival por mato.

O vale, no curso observado, tem quase sempre secção em V, com margens escarpadas.

4.2. Marcas de humanização e enquadramento arqueológico

Não parece ter sido significativa a ocupação humana do vale do rio Ocreza na área correspondente às formações geológicas do Grupo das Beiras, provavelmente devido à configuração do vale e à pobreza do solo.

O encaixe do rio condicionou o estabelecimento de comunidades e a generalidade das actividades humanas. A presença humana consubstancia-se, fundamentalmente, em moinhos de rodízio e estruturas associadas (açudes e casas de moleiros), actualmente em ruínas, em olival nas encostas, principalmente na margem direita, e em pequenas áreas hortícolas, hoje abandonadas.

Fazer o enquadramento arqueológico do vale do rio Ocreza é ter em conta um vasto território do sul do distrito de Castelo Branco e do Alto Ribatejo que integra parte dos concelhos de Castelo Branco, de Vila Velha de Ródão, de Proença-a-Nova e de Mação.

Atendendo à dimensão da área e à quantidade dos vestígios arqueológicos conhecidos iremos abordar apenas o período cronológico relativo à Pré-História recente.

As primeiras referências arqueológicas, desta vasta região, são de Francisco Tavares de Proença, no início do século passado, e estão sintetizadas, mais uma vez, na *Archeologia do Districto de Castello Branco* (Proença Jr, 1910). Na envolvência do rio Ocreza aquele investigador assinala quatro estações neolíticas, em Alcains e Caféde, duas dezenas de antas, com especial destaque para a *necrópole megalítica de Sarnadas / Atalaia*, o achado de cerca de quatro centenas e meia de *machados de pedra* polida com realce para a zona envolvente de Castelo Branco (186 exemplares)⁸ e de Alcains (179 exemplares). Mais a jusante, na área de Sobreira Formosa (Proença-a-Nova) assinala seis antas “meio destruídas” e cinco *machados de pedra* polida. Destacamos o facto da grande maioria das ocorrências registadas por este investigador estarem localizadas em território confinante com a margem esquerda do rio.

Em meados do século passado o casal Leisner obteve dados para a actualização do inventário de monumentos megalíticos na região centro do país, revisto posteriormente por Philine Kalb e publicado postumamente (Leisner, 1998). Na área do vale do rio Ocreza são cartografadas várias dezenas de monumentos. No concelho de Castelo Branco são identificados 19 monumentos, mas apenas podemos correlacionar quatro dessas ocorrências mais directamente com o rio Ocreza, duas em Alcains, uma na Silveirinha e

⁸ Muitos destes instrumentos são oriundos de áreas da bacia hidrográfica do rio Ponsul.

uma em Benquerenças. No concelho de Vila Velha de Ródão o anterior inventário de Proença Júnior não foi incrementado. Mas no concelho de Proença-a-Nova são revelados 95 monumentos, uma quantidade que corresponde a cerca de metade dos mencionados no distrito de Castelo Branco, e 75 situam-se na metade sul do concelho, concentrados em três manchas (Pedra do Altar, Moitas e Pergulho), a poucos quilómetros de distância do curso do rio Ocreza.

Em 1973, o Grupo para o Estudo do Paleolítico Português apresentou à Fundação Calouste Gulbenkian um relatório dos trabalhos de levantamento do complexo de arte rupestre do Tejo. No capítulo de enquadramento arqueológico são mencionados diversos sítios na envolvente rio Ocreza contemporâneos dos grafismos rupestres (Serrão & Serrão, 1973). Ainda em meados dos anos 70 foi estudada uma importante rocha com covinhas na ribeira da Pracana (Monteiro & Gomes, 1977) de alguma forma integrável naquele complexo gráfico.

Em 1982 são divulgados (Batista, Henriques & Leitão, 1982) cinco sítios arqueológicos com cronologias entre o Neolítico e a Idade do Bronze, localizados na área de Castelo Branco.

Na década de 80 do séc. XX são publicados inventários arqueológicos do concelho de Vila Velha de Ródão (Henriques & Caninas, 1980, 1986a⁹) com

⁹ Em 1993 elaborou-se um novo documento, uma terceira contribuição para a Carta Arqueológica de Vila Velha de Ródão, que se mantém inédito, cobre todo o território de Ródão e regista 223 ocorrências (fusão das contribuições de 1980 e de 1986 acrescida de um número reduzido de novas ocorrências). Resultou de um pedido dirigido à AEAT pelo presidente

importante contributo para o enquadramento do vale do rio Ocreza e que ampliam significativamente a anterior contribuição de Tavares de Proença Jr (1910). A segunda contribuição (Henriques & Caninas, 1986a) acrescenta 14 novos monumentos megalíticos na região de Fratel, dois extensos habitats, de cronologia Neo-Calcolítico, e um painel profusamente gravado com covinhas, fora dos vales dos rios Tejo e Ocreza.

Na continuidade dos trabalhos anteriores e no âmbito de vários projectos promovidos pela Associação de Estudos do Alto Tejo¹⁰ a partir de 1986 deram-se a conhecer, na margem direita do rio Ocreza, no concelho de Proença-a-Nova (Henriques, Caninas & Cardoso, 1998), onze monumentos megalíticos, parte dos quais correspondentes aos citados por Vera Leisner (1998), uma rocha com covinhas, um sítio de *habitat* Neo-Calcolítico e dois da Idade do Ferro, um deles já mencionado por Tavares de Proença (1910) e vários achados dispersos. Na margem esquerda, no concelho de Vila Velha de Ródão, identificou-se um *habitat* pré-histórico e quatro novos monumentos megalíticos (Henriques, Caninas & Cardoso, 2000).

Na área envolvente do vale do rio Ocreza, no concelho de Vila Velha de Ródão, foram executadas intervenções arqueológicas em diversos sítios de

Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, Inspector Baptista Martins, para a produção de um inventário actualizado e cartografado.

¹⁰ 1986 - Paleantropologia e Paleoecologia no Alto Tejo Português, projecto subsidiado pela Comissão Nacional para o Ano Europeu do Ambiente e com a duração de quatro anos. 1992 - Ocupação Pré-Histórica do Alto Tejo Português, na continuidade do projecto anterior e com o patrocínio do IPPAR e das autarquias locais. 1998 - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português (Altejo) com o patrocínio do Instituto Português de Arqueologia e das autarquias locais.

habitat e sepulturas pré-históricas desde o início do séc. XX. As primeiras escavações arqueológicas devem-se a Francisco Tavares de Proença Júnior, na *necrópole dolménica de Sarnadas*, mas desconhecem-se os resultados. Nas últimas três décadas procederam-se a escavações nos povoados de Charneca de Fratel (Soares, 1988), Cabeço da Velha (Cardoso *et al*, 1998) e Charneca de Janone (inérito) e nas mamoadas de Charneca das Canas (Silva, 1991) e de Charneca das Vinhas (Caninas, Henriques & Cardoso, 2010).

No território de Mação¹¹, confinante com o rio Ocreza, há registos (Pereira, 1970) de três povoados em posições elevadas (Castelo Velho da Zimbreira, Castelo Velho do Vale do Grou e Castelo Velho do Caratão). As referências mais antigas a monumentos megalíticos da parte oriental deste município situam-se a norte, nas cabeceiras da ribeira da Pracana, e estão consideravelmente afastados do rio Ocreza. Refira-se a investigação efectuada em monumentos desta área, casos das antas do Cabeço dos Pendentes e da Lajinha (Scarre, Oosterbeek & French, 2011).

Em data mais recente (Monteiro & Henriques, 2008) foi identificado um monumento megalítico no sítio do Montinho (São José das Matas) e ocupação extensiva em depósitos cenozóicos, consubstanciada pela ocorrência de instrumentos de pedra polida, elementos de moagem e indústria lítica em quartzito e sílex. No Outeiro Cimeiro (Belver), já no concelho de Gavião, foram reconhecidas duas mamoadas e ocupação pré-histórica extensiva também sobre

¹¹ Para este concelho não se fez a actualização bibliográfica a partir dos trabalhos promovidos pelo Instituto Politécnico de Tomar e Museu de Mação.

plataforma detrítica, fenómeno que é comum a ambas as margens do rio a montante de Belver e até à fronteira com Espanha.

Recentemente foi confirmada a presença de pinturas rupestres esquemáticas (Henriques *et al*, 2011a) na crista quartzítica da serra das Talhadas, a curta distância do rio Ocreza.

4.3. Grafismos rupestres

A identificação e estudo dos grafismos rupestres no rio Ocreza (Figura 14), ao longo das últimas quatro décadas, devem-se a cinco diferentes entidades. Mas nem todo o vale do rio Ocreza foi prospectado. Existem dois trechos, com alguns quilómetros de comprimento, nos quais não temos informação relativamente à presença, ou ausência de grafismos rupestres. O primeiro está balizado a jusante pelo açude da barragem da Pracana e a montante pelo sítio da Azenha das Zebras. Em 1986, data em que foi prospectado por dois dos signatários (FH e JCC), este trecho ainda continha alguma água e apresentava-se muito assoreado. O segundo trecho situa-se a montante, desde a Foz do Ribeiro de Besteiros até à Ponte do Vale da Mua.

Os primeiros trabalhos de prospecção de grafismos rupestres no rio Ocreza foram executados por equipas do Grupo de Estudos do Paleolítico Português, empenhadas no levantamento e estudo da arte rupestre do Tejo, que fora identificada em Outubro de 1971. Em Abril de 1973 foram identificados os três primeiros painéis com grafismos rupestres neste vale. Em 1974 e 1976, a equipa que procedia aos trabalhos finais de levantamento e sistematização deste complexo identificaram mais 20 painéis gravados, espaçados entre si,

com poucas gravuras, localizados na margem direita, a jusante da barragem de Pracana. Numa área situada muito a montante foi identificado o núcleo de gravuras da Ponte das Ferrarias e um círculo, isolado, a jusante da Ponte dos Bugios¹².



Figura 13. Mancha observada em 26 de Outubro de 1986 aquando do esvaziamento da albufeira de Pracana.

¹² Agradecemos a informação deste círculo a Mário Varela Gomes. Apesar das tentativas esta gravura não chegou a ser identificada aquando dos trabalhos conducentes à elaboração do EIA e do RECAPE do Aproveitamento Hidroeléctrico do Alvito.

Em 1980, aquando de uma visita ao núcleo de gravuras da Ponte das Ferrarias, foi prospectada, por membros do Núcleo Regional de Investigação Arqueológica¹³, uma área a montante desta ponte e identificou-se uma única gravura, um círculo¹⁴. Em 1986, numa oportunidade proporcionada pelo esvaziamento da albufeira da barragem da Pracana, efectuou-se uma prospecção num troço de vários quilómetros, entre a azenha das Zebras e área situada a montante da Azenha da Baixia. Nessa ocasião, o fundo do vale apresentava-se ocupado por espesso depósito de areias e lodos cobrindo a quase da totalidade das bancadas rochosas das margens. Apesar dessa limitação, foram identificados três painéis com gravuras, dois na margem esquerda e um na margem direita. Duas dessas ocorrências eram manchas com picotado (nuvens) e uma terceira, a meia encosta, era um painel gravado com 18 pequenas covinhas. Obtivemos informação oral da existência de outros locais com gravuras soterrados pelos aluviões.

Ainda em 1986 foi prospectada a área da futura albufeira da Marateca, sobre geologia granítica, não tendo sido identificados grafismos rupestres pré-históricos (Henriques & Caninas, 1986b).

Constatámos que as superfícies gravadas, e seladas durante vários anos pelos depósitos aluvionares, apresentavam bom estado de conservação, embora com uma aparente alteração da pátina.

¹³ Designação anterior da Associação de Estudos do Alto Tejo.

¹⁴ Esta gravura não foi identificada em sede do EIA e do RECAPE do Aproveitamento Hidroeléctrico do Alvito.



Figura 14. Distribuição de grafismos rupestres no rio Ocreza.

Ao contrário, o painel com covinhas, situado a meia encosta, encontrava-se profundamente fissurado, em consequência da sua posição em espaço de variação do nível de armazenamento daquela albufeira (Henriques & Caninas, 1986b).

A prospecção arqueológica efectuada em 2000, por uma equipa do Centro Nacional de Arte Rupestre, no âmbito do projecto da Auto-estrada da Beira Interior (A23), em particular na zona de atravessamento do rio Ocreza, jusante da barragem de Pracana, resultou na identificação de uma gravura rupestre paleolítica (Baptista, 2004). Trata-se da figura de um cavalo, representado pela linha cérvico-dorsal, por uma perna em cada par, mas sem cabeça. A gravação foi executada por percussão indirecta (Baptista, 2001).

Motivado pela descoberta anterior, o Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo desenvolveu, em 2001, um programa de re prospecção das margens do rio Ocreza, a jusante da Barragem de Pracana. Deste trabalho resultou o registo de 31 rochas com gravuras (Oosterbeek, 2003), onde se incluem, provavelmente, as 20 rochas identificadas nos anos 70 pelo GEPP e a de 2000 pelo CNART. Estas 31 rochas encontram-se distribuídas por dois núcleos. O núcleo mais próximo da barragem de Pracana integra 18 rochas, oito na margem esquerda e dez na margem direita. O segundo núcleo está mais próximo da foz do rio Ocreza e é constituído por 13 rochas, posicionadas predominantemente na margem direita. As gravuras foram abertas com recurso a picotagem ou a incisão linear (filiformes não figurativos). Estas incisões lineares, observadas em onze rochas, são as únicas documentadas e datadas da Pré-história antiga e recente para todo o vale do rio Ocreza. Nestas 31 rochas estão documentados (Oosterbeek, 2003) motivos

antropomórficos (seis), zoomórficos (seis), círculos (quatro), semicírculos (três), espirais (uma), linhas (quatro), meandriiformes (um) e manchas de picotado (nove).



Figura 15. Painel com gravuras na Ponte das Ferrarias.

Em 2009 e 2010, no âmbito da elaboração do Estudo de Impacte Ambiental e do RECAPE do Aproveitamento Hidroeléctrico do Alvito (Vila Velha de Ródão e Castelo Branco), foi prospectado (Zephyros, Lda), de forma sistemática, todo o vale do rio Ocreza e dos afluentes passíveis de submersão pela projectada albufeira do Alvito.

Das várias dezenas de ocorrências de interesse cultural ali identificadas destacam-se 24 que correspondem a grafismos rupestres; 23 situam-se no vale do rio Ocreza e apenas uma num seu afluente (ribeira da Líria). Estas ocorrências integram 28 painéis com cerca de 53 gravuras, o que perfaz uma média inferior a duas gravuras por painel (ver Anexo 1).

Os painéis distribuem-se ao longo do vale de modo não uniforme, como seria expectável. A única concentração está localizada no sítio da Ponte das Ferrarias. Neste sítio existe um atravessamento do rio, em ponte, associado a estrada de terra batida que liga as comunidades de Carapetosa (Vila Velha de Ródão) a Ferrarias (Castelo Branco). A maior concentração de gravuras situa-se entre os pilares da ponte.

O núcleo da Ponte das Ferrarias é constituído por dez painéis, na margem direita. A montante da barragem da Pracana, este é o local com maior concentração de rochas gravadas (dez) e de gravuras (22), numa distância de 450 metros. As temáticas presentes neste núcleo são pouco variadas, incluindo círculos (oito), semicírculos (dois), círculos concêntricos (um) e manchas de picotado (onze). Os painéis restantes, ainda que possam ter a mesma designação, distam entre si algumas centenas de metros, senão quilómetros, e são caracterizados por baixo número de gravuras.

Quadro 3. Distribuição das principais tipologias e quantidades de motivos gráficos nas margens do rio Ocreza, a montante e a jusante da barragem de Pracana

Margem direita		Motivo	Margem esquerda		Margem Indeterminada
M	J		M	J	J
	1	Antropomorfos		2	1
	1	Zoomorfos		1	4
		Formas circulares			
9	3	<i>circular</i>	1		
	1	<i>subcircular</i>			
3	1	<i>semicircular</i>		1	1
1	1	Espiral			
1		Oval			
27	6	Manchas	8	1	2
		Meandriiformes		1	
		Linhas		1	2
		Pontos			
7		Covinhas	18		
	5	Filiformes		3	3
	3	Picotado disperso		1	
		Indeterminados		1	4
48 (38,1%)	22 (17,5%)	Totais e % sobre o total	27 (21,4%)	12 (9,5%)	17 (13,5%)
M = montante; J = Jusante					

Optou-se por apresentar os grafismos rupestres do vale do rio Ocreza de modo diferente dos rios anteriores. Neste rio, tendo em consideração a maior quantidade de painéis identificados em contraponto à pequena variedade dos motivos neles representados, apresentam-se em quadros (Anexo e Anexo 2) os principais elementos caracterizadores de cada painel. Também se optou

por os separar em dois grandes grupos. O primeiro (Anexo 1) compreende todo o percurso a montante da Barragem de Pracana. O segundo grupo (Anexo 2) compreende todo o percurso do rio que vai do paredão da barragem até à foz. Na segregação espacial dos dois conjuntos (montante e jusante), teve-se em consideração o efeito de barreira da albufeira e a especificidade do estudo dedicado ao conjunto jusante (Oosterbeek, 2003).

Da análise dos dados expresso nos dois anexos, constata-se que estão registados 33 painéis a montante da barragem de Pracana e 31 a jusante desta. Um primeiro contraste entre os dois *conjuntos espaciais* concerne à maior densidade de painéis gravados no curto trecho de quatro quilómetros situado entre a barragem e a foz do rio Ocreza no Tejo. Neste último percurso as gravuras concentram-se fundamentalmente em três núcleos (Ocreza, Barragem da Pracana Este e Barragem da Pracana Oeste). No percurso a montante da barragem está identificada uma única concentração (Ponte das Ferrarias).

É também significativa a diferenciação em relação à margem onde se localizam os painéis gravados. Dos 33 painéis situados a montante da barragem de Pracana cinco estão na margem esquerda (15,15%) e 28 (84,85%) na margem direita, que é a margem exposta a nascente. É pertinente informar que estes valores não resultam de uma incidência desigual na prospecção das margens. Dos 31 painéis contabilizados a jusante da barragem da Pracana nove (29%) estão posicionados na margem esquerda e doze (38,7%) na margem direita, diferença pouco significativa tendo em conta os valores anteriores. Não há indicação acerca da posição em margem no caso de dez (32,3%) rochas gravadas.

Quanto à temática gráfica (Quadro 3) também se observam diferenças entre os dois *conjuntos espaciais*. Foi apenas no trecho situado a jusante da barragem de Pracana que se identificaram painéis (onze) com gravações incisais (filiformes) de cronologia pré-histórica. Este tipo não está documentado no rio Tejo mas foi documentado no abrigo da Foz do Ribeiro das Taliscas (rio Erges).

A montante ocorrem seis diferentes tipos de motivos, fundamentalmente, manchas, covinhas e formas circulares (círculo, semicírculo, círculos concêntricos e oval). A jusante estão documentados nove tipos, nomeadamente, manchas, zoomorfos, antropomorfos, círculos, linhas e outros. A diversidade tipológica é inferior a montante da barragem de Pracana.

Em 2010 foi identificado, na margem esquerda do rio Ocreza, na área de Chão das Servas um pequeno abrigo (Henriques *et al*, 2012a) constituído por dois blocos de metagrauvaque, soltos, que provavelmente se desprenderam da massa rochosa anexa. O bloco situado do lado montante oscila. Os dois blocos que constituem o abrigo estão encostados e afastados na base, proporcionando uma cavidade de secção triangular. A planta é rectangular (210 cm x 120 cm) e a altura é de 120 cm. Assenta directamente sobre o afloramento. A entrada está voltada para o rio, com orientação norte-noroeste, a uma distância de cerca de oito metros do leito do rio, no caudal de verão. Não tem gravações nem sedimentos no interior. É possível que este abrigo tenha uma origem antrópica, tal como os que foram documentados no rio Erges.

Em frente da entrada deste abrigo, a cerca de oito metros de distância, existe um painel com pequenas manchas de picotado, localizado junto da linha de água. Tem configuração sub-rectangular (240 cm x 93 cm) e posição subhorizontal, suavemente ondulado e ligeiramente inclinado para o rio. Está gravado com cinco pequenas manchas, subcirculares, de picotado. O picotado é semelhante em todas elas (não contínuo, profundo, contorno oval, tamanho médio e orientado no mesmo sentido, paralelo ao plano de xistosidade).

5. Discussão e conclusões gerais

Os grafismos rupestres identificados nos rios Erges, Ponsul e Ocreza têm enquadramento na densa ocupação pré-histórica patente nas suas margens e região envolvente, tanto em Portugal como em Espanha, e que se considera coeva daquelas gravuras. Incluem-se nesse contexto diversos tipos de monumentos megalíticos, com destaque para os de cariz funerário - em alguns dos quais também foram identificados grafismos, na zona de Cáceres - e sítios de *habitat*, sobre as formações detríticas cenozóicas dos territórios de Rosmaninhal (Idanha-a-Nova), Monforte (Castelo Branco) e Fratel (Vila Velha de Ródão).

Nos principais afluentes do rio Tejo, no distrito de Castelo Branco, documentaram-se grafismos rupestres pré-históricos, com excepção do rio Aravil, ainda que haja notícia da hipotética existência de gravura na sua foz, como foi atrás referido. Nestes rios, o número de sítios com grafismos

rupestres não atinge os quantitativos identificados no rio Tejo, na fronteira entre Vila Velha de Ródão e Nisa.

Tal *deficit* de grafismos no Aravil, onde tais manifestações ainda são desconhecidas, e no Ponsul, onde é escasso o número de gravados, dever-se-á sobretudo à circunstância deste último rio não ter sido prospectado de modo sistemático em todo o seu curso, e à presença da albufeira da barragem de Cedillo que inviabiliza tal reconhecimento, precisamente nos trechos que poderão ter maior interesse pela sua maior proximidade ao rio Tejo.

No rio Ocreza o efeito de ocultamento das suas margens, numa extensão de vários quilómetros, é proporcionado, desde 1950, pela albufeira da Pracana. Contudo, com os dados disponíveis, é possível fazer-se um juízo acerca do potencial gráfico destes rios.

A submersão, pela albufeira de Cedillo, dos cursos terminais dos rios Erges, Aravil e Ponsul impede que se verifique um acréscimo do número de painéis com gravuras rupestres antigas, de modo equivalente ao que ocorre no curso inferior do rio Ocreza.

Perante os dados já disponíveis, entendemos que estes afluentes formam conjuntos marginais no contexto da arte rupestre do Tejo, cuja centralidade estará situada no trecho fluvial que marca a fronteira entre os actuais concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa.

De facto, no Erges, as ocorrências gráficas surgem em painéis isolados ou em pequenos conjuntos de dois ou três painéis, em qualquer dos casos com

escasso número de figuras. No rio Ocreza a realidade é semelhante para o troço a montante da barragem de Pracana. A concentração de painéis aumenta a jusante da barragem referida, na aproximação ao Tejo.

No Erges, os painéis gravados surgem de modo espaçado, ao longo do rio, não existindo nenhuma concentração de rochas gravadas, equiparável às do rio Tejo. No Ocreza observa-se fenómeno idêntico, os painéis gravados surgem espaçados ao longo das margens. Ainda que possamos abrir uma pequena excepção para o núcleo de gravuras da Ponte das Ferrarias constituído por onze painéis. A jusante da barragem da Pracana também estão documentados dois núcleos, um com 18 painéis (*barragem da Pracana*) e o outro com treze (*Ocreza*).

Os motivos representados no rio Erges são, em geral, pouco diversificados, e estão polarizados em antropomorfos esquemáticos, na margem direita, e formas circulares (círculos, semicírculos, círculos concêntricos, círculos com ponto central, círculos compartimentados), na margem esquerda. Esta dicotomia temática, ou diferenciação, entre margens é um aspecto, evidente, cujo significado nos escapa.

No rio Ocreza a realidade é diferente. A montante da barragem da Pracana os painéis estão implantados, predominantemente, na margem direita (89,7%) e dois terços das gravuras são manchas de picotado (nuvens). Não se observa, ao nível do tipo de motivos, o domínio de uma sobre a outra margem. A jusante da barragem os painéis com gravuras distribuem-se maioritariamente pela margem direita, tal como a montante, e ao nível dos motivos existe uma maior quantidade e variedade, tendo em conta o resto do vale. Neste troço do

rio foram identificados motivos (antropomorfo, zoomorfo, espiral e meandriforme) que não estão presentes no resto do vale. Nesta mesma área do vale foram identificadas gravuras lineares abertas por incisão (incisões filiformes). Constatase que nas margens direitas dos rios Erges e Ocreza existe um maior número de painéis gravados e uma maior riqueza dos motivos.

São ainda de realçar alguns particularismos interessantes no património gráfico destes rios. No rio Erges as representações da margem direita (Portugal) ocupam maioritariamente painéis subverticais e as da margem esquerda (Espanha) ocorrem em painéis sub-horizontais (excepto num abrigo), tal como no Tejo, onde predominam, como é sabido, os suportes sub-horizontais. Teremos, portanto, um segundo factor de diferenciação entre margens. No rio Ocreza a diferenciação depende da área do vale. Assim, a montante da barragem da Pracana não são conhecidos grafismos pré-históricos num suporte subvertical. Neste trecho, os grafismos identificados em suportes verticais são contemporâneos, foram abertos por picotagem ou incisão e estão associados a moinhos e talvez à actividade piscatória. A jusante daquela barragem são conhecidos sete painéis verticais (22,6%) gravados com picotagem e incisões lineares de idade pré-histórica (Oosterbeek, 2003).

Outro aspecto concerne às sobreposições, cujo maior grau de incidência pode indicar uma maior relevância dos sítios, em termos de recorrência ritual. De facto, reforçando novamente o carácter marginal deste conjunto, são escassas as sobreposições documentadas no rio Erges, estando ausentes na margem esquerda (Nobre, 2008). Na margem direita foram observadas múltiplas

sobreposições de gravações incisas em painel situado no interior do abrigo da Foz do Ribeiro das Taliscas e no abrigo da Tapada da Foz com uma covinha a sobrepor uma mancha de picotado. No rio Ocreza existe referência a sobreposições apenas no troço situado a jusante da barragem. Neste trecho de rio estão documentados quatro painéis, sub-horizontais, gravados com filiformes e picotados, integrantes do núcleo de Barragem de Pracana. Em três deles os filiformes sobrepõem os picotados dispersos e num único caso observa-se uma sequência inversa (Oosterbeek, 2003).

Para além dos painéis ao ar livre, a presença de grafismos pré-históricos em abrigos (dois na margem direita e um na margem esquerda) é uma especificidade do rio Erges dado que a utilização deste tipo de locais não se encontra documentada nos rios Tejo e Ocreza. Os dois abrigos observados na margem direita do Erges (Foz do Ribeiro das Taliscas e Tapada da Foz) devem ter sido reutilizados em época moderna por moleiros. No rio Ocreza está também documentado um pequeno abrigo com grafismos rupestres no exterior. Admitindo a génese antrópica das estruturas da margem direita do Erges e do rio Ocreza (aquelas que tivemos oportunidade de observar directamente), seria tentador, embora não comprovável do ponto de vista estrutural e funcional, atribuir-lhes carácter para-dolménico (de acordo com o conceito expresso em Pascual, 2006) aproximando-os da realidade megalítica onde os grafismos esquemáticos também marcam presença, em áreas vizinhas da província de Cáceres (Bueno *et al*, 2006, entre outros trabalhos).

Olhando para a posição topográfica dos vários conjuntos documentados nos rios Erges, Ponsul e Ocreza temos de admitir que teria sido difícil que a sua

gravação tivesse ocorrido fora da época de estio, ou pelo menos durante os períodos de caudal máximo do rio.

Constatou-se existir convergência espacial entre rochas gravadas (ao ar livre ou em abrigo) e áreas de mais fácil travessia do rio¹⁵, ou onde ocorrem rápidos e existem moinhos/açudes, característica também observada por L. Nobre (2008). No rio Ocreza esta característica observa-se, particularmente, no núcleo da Ponte das Ferrarias, onde ainda hoje se faz a passagem do rio através de uma pequena ponte. Neste núcleo a maior densidade de grafismos situa-se, curiosamente, sob o tabuleiro da ponte. Na ribeira do Carvalheiro, algumas centenas de metros a jusante da foz do rio Ocreza há registo de dez painéis verticais com covinhas que “marca um meandro da ribeira e o local mais próximo da foz onde a ribeira pode ser atravessada” (Oosterbeek, 2003:46).

Aos grafismos identificados no rio Erges podemos atribuir dois significados gerais, tendo apenas como referencial a rede fluvial principal. Em primeiro lugar, marcam uma nova fronteira, montante, do complexo de arte rupestre do Tejo. Em segundo lugar, e de acordo com um pressuposto de continuidade territorial, a sua posição, em relação ao referido complexo, reforça a hipótese, já iniciada em Herrera de Alcántara, de também existirem conjuntos gráficos, expressivos, no Tejo Internacional. Esta hipótese pode ser sustentada, contextualmente (Caninas & Henriques, 1987), pela densidade de monumentos megalíticos na zona envolvente daquele sector do rio Tejo, tanto

¹⁵ Essa convergência pode observar-se em muitos outros sítios, nomeadamente com gravuras paleolíticas como são os casos de Siega Verde e do Poço do Caldeirão (Fundão).

em Portugal como em Espanha, sítios que têm vindo a ser revelados pelas investigações dirigidas por Primitiva Bueno, Jorge de Oliveira (Oliveira, 1998, 2000a, 2000b, 2008) e por três dos signatários (Henriques, Caninas & Chambino, 1993) nas referidas regiões.

Reportámos as afirmações anteriores à rede fluvial principal, mas estamos cientes que os grafismos presentes nas margens dos rios referidos não devem ser desligadas das realidades gráficas, gravadas e pintadas, situadas em topografias mais elevadas, seja em dólmenes e em rochas ao ar livre, no planalto (Bueno *et al*, 2006 e Oosterbeek, 2003), seja em abrigos serranos, como são os casos de Chão de Galego (Henriques *et al*, 2011a), El Buraco, em Santiago de Alcántara (Bueno *et al*, 2006) e Pego da Rainha, em Mação (Oosterbeek, 2003), e em de Arronches, no extremo Sul da Serra de São Mamede (Oliveira & Borges 1998), para citar apenas exemplos próximos.

No conjunto gráfico da margem direita do Baixo Erges, destacamos os três sítios denominados Tremal 2, Foz do Ribeiro da Enchacana 1 e Tapada da Foz dominados por representações antropomórficas esquemáticas. Os restantes casos identificados na margem direita reportam-se a figuras isoladas, a motivos indeterminados ou situações duvidosas e a um interessante abrigo com gravações incisivas que deixaremos de lado. Importa ainda referir que, tal como observado na Tapada da Foz, a presença de covinhas em abrigos naturais ou estruturados, com ou sem presença de outros motivos gráficos, ocorre sobretudo no chão. Cite-se a título de exemplo, e pela analogia do sítio, a ocorrência de covinhas no chão de um de cinco abrigos sob rocha no sítio da Porqueira (Tabuaço) onde foi documentada cerâmica de cronologia Calcolítica (Perpétuo *et al*, 1999).

Os antropomorfos representados no Erges, em geral acéfalos, maioritariamente de braços arqueados, e em alguns casos sem membros inferiores, pese embora a variações tipológicas verificadas, são muito coerentes com o que se conhece na arte do Tejo (casos das figuras 10 e 20 da rocha F155 de Fratel, Baptista, 1981; da rocha 50 de São Simão, Baptista, Martins & Serrão 1978; da rocha 37 da Lomba da Barca, Gomes, 2000), em abrigos com pinturas (El Buraco, Bueno *et al*, 2006; abrigo dos Gaivões, Oliveira & Borges, 1998; abrigo Pinho Monteiro, Gomes, 1985; na serra de São Mamede em geral, Oliveira & Oliveira, 2008) e em monumentos megalíticos funerários (caso do dólmen de Guadancil I, Bueno Ramírez & Balbín Behrmann, 2000). Tal significa que os grafismos do Erges, ponderados a partir dos motivos antropomórficos, não são caso isolado, antes integram um sistema simbólico e cultural mais vasto, de dimensão regional, bem estruturado no território envolvente.

Estas representações antropomórficas podem ser enquadradas no Neolítico Final-Calcolítico (segunda metade do IV e III milénio a. C.), tanto de acordo com as propostas de António Martinho Baptista (fase II, megalítica, Baptista, 1981) e de Mário Varela Gomes (período meridional, Gomes, 1987), para o faseamento da arte do Tejo, como da cronologia atribuída aos dólmenes onde este tipo de figuras também marca presença (Bueno Ramírez & Balbín Behrmann, 2000). Tal consenso parece também ser acompanhado pela densificação do fenómeno megalítico naquele período, como sugerem os resultados a que chegámos no estudo de estruturas funerárias no território de Rosmaninhal (Cardoso, Caninas & Henriques, 2003; Cardoso, 2008).

Para os grafismos rupestres do rio Ocreza, situados a jusante da barragem da Pracana, Luis Oosterbeek (2003) defende a existência de quatro fases. A primeira, datada do Paleolítico Superior, integra o caso, isolado, da representação de cavalo acéfalo. A segunda, datada do Neolítico, integra picotados (zoomorfos e nuvens) e filiformes. A terceira, datada do Calcolítico, abarca picotados (antropomorfos, ideomorfos, figuras subcirculares, espirais, nuvens, meandros) e filiformes. Inclui neste mesmo período as pinturas do Pego da Rainha. A quarta fase, datada do Bronze Final / Idade do Ferro, integra picotados (composição de antropomorfos e zoomorfo, nuvens, armas) e uma figura incisa estelar.

Bibliografia¹⁶

Almeida, F. de & Ferreira, O. da V. (1966). Descoberta das primeiras insculpturas com figuração humana estilizada nos arredores de Idanha-a-Velha. *Lucerna*, 5. Porto: 425-433.

Almeida, F. de & Ferreira, O. da V. (1971). Um monumento pré-Histórico na Granja de São Pedro (Idanha-a-Velha). 2º Congresso Nacional de Arqueologia, 1 Coimbra: 163-168.

¹⁶ Após a redacção deste texto foi publicado, em 2013, estudo referente à descoberta de pinturas rupestres pré-históricas no rio Erges: Andrea Martins e Luis Nobre, *Um novo abrigo com pintura rupestre esquemática: o abrigo de segura, ou como, só se encontra aquilo que se procura*, actas do Congresso Arqueologia em Portugal – 150 anos, Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 515-521.

Baptista, A. M. (1981). A rocha F-155 e a origem da arte do Vale do Tejo. *Monografias Arqueológicas*, I. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto.

Baptista, A. M. (1986). Arte rupestre pós-glaciária. esquematismo e abstracção. *História da Arte em Portugal*, I. Publicações Alfa. Lisboa: 31-55.

Baptista, A. M. (2004). Arte paleolítica de ar livre no rio Zêzere (Barroca, Fundão). *Ebvrobriça*, 1. Revista do Museu Arqueológico Municipal José Monteiro do Fundão. Fundão: 8-15.

Baptista, A. M.; Gomes, M. V.; Lemos, F. de S.; Marques, T.; Martins, M.; Monteiro, J. P.; Raposo, L. F.; Serrão, V. M.; Silva, A. C.; Querol, M. A.; Serrão, V. & Serrão, E. da C. (1974). O complexo de arte rupestre do Tejo. *Processos de levantamento*. III Congresso Nacional de Arqueologia, I. Porto: 293-323.

Baptista, A. M.; Martins, M. M. & Serrão, E. da C. (1978). *Felskunst im Tejo-Tal*, São Simão (Nisa, Portalegre, Portugal. *Madrider Mitteilungen*, 19. Madrid: 89-101.

Baptista, A. M. (2001). Ocreza (Envendos, Mação, Portugal Central): um novo sítio com arte paleolítica de ar livre. *Arkeos – Perspectivas em Diálogo*, 11. Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo. Tomar: 163-192.

Batista, J.; Henriques, J. & Leitão, M. (1982). Elementos para um inventário de estações arqueológicas: prospecções e reconhecimentos – distrito de Castelo

Branco. Informação Arqueológica, 2. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 13-16.

Bicho, N. F.; Jorge, C. R.; Ladeira, J.; Pereira, J. P. & Salvador, M. M. (1994). Prospecção arqueológica das formações quaternárias do rio Ponsul. Actas das V Jornadas Arqueológicas. Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1. Lisboa: 65-74.

Bueno Ramírez, P. & Balbín Behrmann, R. (2000). Arte megalítico en la Extremadura Española. El Megalitismo en Extremadura. Extremadura Arqueológica, 8. Mérida: 345-379.

Bueno Ramírez, P.; Balbín Behrmann, R.; Barroso Bermejo, R.; Aldecoa Quintana, A.; Casado Mateos, A. B. (2000a). Dólmenes en Alcántara (Cáceres). Un proyecto de consolidación e información arqueológica en las comarcas extremeñas del Tajo. Balance de las campañas de 1997 y 1998. Extremadura Arqueológica, 8. Mérida: 129-168.

Bueno Ramírez, P.; Balbín Behrmann, R.; Barroso Bermejo, R.; Aldecoa Quintana, A.; Casado Mateos, A. B. (2000b), Arte megalítico en el Tajo: los dolmenes de Alcántara. Cáceres. España. 3º Congreso de Arqueología Peninsular. ADECAP, 4 (Pré-História Recente da Península Ibérica). Porto: 481-496.

Bueno, P.; Barroso, R.; Balbín, R. & Carrera, F. (2006), Megalitos y Marcadores Gráficos en el Tajo Internacional: Santiago de Alcántara (Cáceres), Ayuntamiento de Santiago de Alcántara.

Caninas, J. C. P. & Henriques, F. J. R. (1987). Testemunhos do Neolítico e Calcolítico no concelho de Nisa. I Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano (Castelo de Vide, 1985). Coimbra: 69-82.

Caninas, J. C., & Henriques, F. (2001). Estudo de Impacte Ambiental da linha de Alta Tensão entre Falagueira (Nisa) e Vila Velha de Ródão – Relatório sobre a Avaliação da Componente Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnográfico. Lisboa. Inédito.

Caninas J. C.; Henriques, F.; Cardoso, J. L. (2010). The tumulus at Charneca das Vinhas (Vila Velha de Ródão, Portugal). In Bueno Ramirez, P., Cerrillo Cuenca, E., Gonzalez Cordero, A., coord., From the origins: the prehistory of the Inner Tagus Region. BAR International Series 2219. Oxford.

Caninas, J. C.; Henriques, F. & Gouveia, J. (2004). Arqueologia da Região de Fratel. Um Olhar entre a Pré-História e os Tempos Modernos. Itinerários por Terras da Açafa. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Cardoso, J. L. (2008). The megalithic tombs of southern Beira Interior, Portugal: recent contributions”. In P. Bueno-Ramírez, R. Barroso-Bermejo & R. de Balbín-Behrmann: Graphical Markers and Megalith Builders in the International Tagus, Iberian Peninsula. BAR International Series, 1765. Oxford: 103-115.

Cardoso, J. L. (2011a). A estela antropomórfica de Monte de Zebros (Idanha-a-Nova): seu enquadramento nas estelas peninsulares com diademas e

“colares”. Actas das IV Jornadas Raianas - Estelas e Estátuas-menires da Pré à Poto-história. Sabugal: 89-116.

Cardoso, J. L. (2011b). The anthropomorphic stele at Monte dos Zebros (Idanha-a-Nova): contextualization amongst other Diadem-Steles in the Iberian Peninsula. *Complutum*, 22 (1). Madrid: 89-106.

Cardoso, J. L.; Caninas, J. C. & Henriques, F. (1997). Contributos para o conhecimento do megalitismo na Beira Interior (Portugal): a região do Tejo Internacional. II Congresso de Arqueologia Peninsular (Zamora, 23-28 Setembro 1996), 2 (Neolítico, Calcolítico y Bronce). Fundación Rei Afonso Henriques. Zamora: 207-215.

Cardoso, J. L.; Caninas, J. C. & Henriques, F. (2000). Arquitectura, espólio e rituais de dois monumentos megalíticos da Beira Interior: Estudo comparado. I Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Monsaraz, 1996). In *Trabalhos de Arqueologia*, 14. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa: 195-214.

Cardoso, J. L.; Caninas, J. C. & Henriques, F. (2003). Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova). *O Arqueólogo Português*, série IV, 21. Lisboa: 151-207.

Cardoso, J. L.; Gomes, M. V.; Caninas, J. C. & Henriques, F. (1995). O menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos*, 3. Viseu: 5-17.

Cardoso, J. L.; Silva, C. T.; Caninas, J. C. & Henriques, F. (1998). A ocupação neolítica do Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão). *Trabalhos de Arqueologia*

da EAM, 3-4. Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego & Edições Colibri. Lisboa: 61-81.

Costa, A. et all. (s/d). *Ocreza - Percursos do rio Ocreza*. Castelo Branco.

Domergue, C. (1987). *Catalogue des Mines et des Fonderies Antiques de la Péninsule Ibérique*. Casa Velázquez (Série Archéologie; 8). Madrid.

Gomes, M. V. (1980). *Arte do Tejo*. Enciclopédia Verbo, 20. Lisboa: 1300-1304.

Gomes, M. V. (1985). Abrigo Pinho Monteiro (Arronches). *Informação Arqueológica*, 5. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 90-91.

Gomes, M. V. (1987). *Arte rupestre no Vale do Tejo*. *Arqueologia no Vale do Tejo*. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 26-43.

Gomes, M. V. (1989). *Arte rupestre do Vale do Tejo – um santuário pré-Histórico*. *Encuentros sobre el Tajo: el Agua y los Asentamientos Humanos*. Cuadernos de San Benito, 2. Madrid. 49-75.

Gomes, M. V. (2000). A rocha 175 de Fratel – iconografia e interpretação. *Estudos Pré-Históricos*, 8. Viseu: 81-112.

Gomes, M. V. (2002). *Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século*. *Arqueologia 2000: Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal*. In *Arqueologia e História*, 54. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 139-194.

Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas (1979). Relatório de prospecções arqueológicas. Rosmaninhal. Inédito.

Henriques, F. J. R. & Caninas, J. C. P. (1980). Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (1). Preservação, 3. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão.

Henriques, F. & Caninas, J. (1986a). Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa (2). Preservação, 7. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão.

Henriques, F. e Caninas, J. (1986b). Levantamento arqueológico na área a submergir pela barragem da Marateca (Castelo Branco). Actas das II Jornadas da Beira Interior, 2. Fundão: 189-198.

Henriques, F.; Caninas, J. C.; Batista, J. *et al* (1986). Carta arqueológica do concelho (Vila Velha de Ródão). Informação Arqueológica, 6 (1984). Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 9-22.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Cardoso, J. L. (1998). Trabalhos de cartografia arqueológica no concelho de Idanha-a-Nova. Associação de Estudos do Alto Tejo.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Cardoso, J. L. (1999a). Relatório dos trabalhos de cartografia arqueológica nos concelhos de Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Cardoso, J. L. (1999b). Arqueologia no Alto Tejo. Balanço de 30 anos de Investigação. História, 18, Nova série, Lisboa: 68-74.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Cardoso, J. L. (2000). Relatório dos trabalhos de cartografia arqueológica nos concelhos de Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova em 1999. Projecto ALTEJO – Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português. Associação de Estudo do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Cardoso, J. L. (2001). Relatório dos trabalhos de cartografia arqueológica nos concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão e Nisa. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Chambino, M. (1993). Carta arqueológica do Tejo Internacional, 3 (Idanha-a-Nova). Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Henriques, F.; Caninas, J. & Chambino, M. (1995). Rochas com covinhas na região do Alto Tejo Português. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35 (4). Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Porto: 191-202.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Chambino, M. L. (2004). Relatório dos trabalhos de cartografia arqueológica no concelho de Idanha-a-Nova. Associação de Estudos do Alto Tejo.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Chambino, M. (2008a). Cartografia arqueológica nos rios Erges, Aravil e Tejo (Idanha-a-Nova e Castelo Branco) - primeira notícia. Associação de Estudos do Alto Tejo. Açafa on-line, 1.

Henriques, F.; Caninas, J. & Chambino, M. (2008b). Carta arqueológica de Vila Velha de Ródão. Uma leitura actualizada dos dados da Pré-História Recente. In Graphical markers and megalith builders in the International Tagus, Iberian Peninsula. British Archaeological Reports. BAR International Series 1765. Oxford, England.

Henriques, F.; Caninas, J. C.; Correia, F. B.; Santos, Cassilda & Gardete, J. J. (2000). Muros-apiários da bacia do Médio Tejo (regiões de Castelo Branco e Cáceres). Ibn Maruan, revista cultural do concelho de Marvão, 9-10. Edições Colibri e Câmara Municipal de Marvão.

Henriques, F.; Chambino, M.; Caninas, J. C.; Pereira, A. & e Carvalho, E. (2011a). Pinturas rupestres pré-históricas na Serra das Talhadas (Proença-a-Nova). Primeira notícia. Açafa on line, 4. Associação de Estudos do Alto Tejo [http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/Pinturas rupestres na serra das Talhadas.pdf](http://www.altotejo.org/acafa/docsn4/Pinturas_rupestres_na_serra_das_Talhadas.pdf)

Henriques, F.; Caninas J. C.; Cardoso, J. L. & Chambino, M. (2011b). Grafismos rupestres pré-históricos no Baixo Erges (Idanha-a-Nova, Portugal). In Bueno Ramirez, P., Cerrillo Cuenca, E., Gonzalez Cordero, A., coord., From the origins: the prehistory of the Inner Tagus Region. BAR International Series 2219. Oxford.

Henriques, F.; Caninas, J. C. & Chambino, M. & Camisão, V. (2007). Relatório dos trabalhos de cartografia arqueológica na área do rio Erges (Idanha-a-Nova). Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.

Henriques, F. J. R.; Caninas, J. C. P. & Henriques, A. (1982). Levantamento de algumas gravações antigas sobre rocha do sul da Beira Interior. Beira Alta, 41 (3). Viseu: 703-715.

Henriques, F.; Caninas, J. C.; Chambino, M.; Pereira, A. & Carvalho, E. (2012a) Abrigos ciclópicos com grafismos rupestres nas margens dos rios Erges e Ocreza. Trabalhos de Arqueologia, 54. Direcção-Geral do Património Cultural. Lisboa: 293-312.

Henriques, F.; Chambino, M. & Caninas, J. C. (2012b) *A estela de guerreiro* (lusitano) de Zebros (Idanha-a-Nova). Revista Sabucale, 4. Museu Municipal do Sabugal: 25-44.

Leisner, V. (1998). Die megalithgraber der Iberischen Halbinsel - der Westen, 4 (org. P. Kalb). Deutsches Archaologisches Institut. Berlin.

Martín Bravo, A. M. (2009). Los castros de la cuenca Extremeña del Tajo, bisagra entre Lusitanos y Vettones". In P. J. Sanabria Marcos (Ed): Lusitanos y Vettones. Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa - Alto Alentejo – Cáceres (Memorias, 9). Museo de Cáceres: 147-160.

Monteiro, J. P. & Gomes, M. V. (1977) Rocha com covinhas na ribeira do Pracana. O Arqueólogo Português, III Série, 9 (1974-77). Lisboa: 95-99.

Monteiro, M. & Henriques, F. (2008). Descritor património arqueológico, arquitectónico e etnológico do Estudo de Impacte Ambiental, em fase de Estudo Prévio, do Projecto IP2-IP6 (A23) / Portalegre / IP7 (A6), elaborado por EMERITA Lda para ECOSERVIÇOS Lda, Lisboa.

Moreno, H. B. coord. (2003). Demarcações de fronteira de Vila Velha de Ródão a Castelo Rodrigo, 2. Universidade Portucalense – Infante D. Henrique. Porto.

Nobre, L. F. (2008). Arte rupestre pré-Histórica da margem esquerda do rio Erges. Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo. Arkeos – Perspectivas em Diálogo, 24. Tomar.

Oliveira, J. M. F. de (1998). Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever. Edições Colibri. Lisboa.

Oliveira, J. (2000a). O megalitismo de xisto da bacia do Sever (Montalvão - Cedillo). Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. Trabalhos de Arqueologia, 16. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa.

Oliveira, J. de (2000b). Economia e sociedade dos construtores de megálitos da bacia do Sever. Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular. Vol. III – Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica. ADECAP. Porto.

Oliveira, J. de (2008). The tombs of the Neolithic artist-shepherds of the Tagus valley and the megalithic monuments of the mouth of the river Sever. In Graphical markers and megalith builders in the International Tagus, Iberian

Peninsula. British Archaeological Reports. BAR International Series 1765. Oxford, England.

Oliveira, J. de & Borges, S. (1998). Arte rupestre no Parque Natural da Serra de São Mamede. Ibn Maruan, revista cultural do concelho de Marvão, 8. Câmara Municipal de Marvão & Edições Colibri. Lisboa: 193-202.

Oliveira, C. & Oliveira, J. (2008) Percurso Historiográfico do Complexo de Arte Rupestre de Arronches – Portugal. III Taller Internacional de Arte Rupestre. Habana: 88-136.

Oosterbeek, L. (2003). Vale Ocreza – campanha de 2001. Techne, 8. Tomar: 41-70.

Ortega, J. E. (1988). La necrópolis del castro del Castillejo de la Orden, Alcántara (Cáceres). Consejería de Educación y Cultura, Universidade de Extremadura. Cáceres.

Pascual, M. P. (2006). Ensayo de ordenación terminológica de las estructuras paradolménicas del Nordeste Peninsular. In Simbolismo, Arte e Espaços Sagrados na Pré-História da Península Ibérica. IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Promontoria Monográfica, 5. Universidade do Algarve: 157-168.

Pereira, M. A. H. (1970). Monumentos históricos do concelho de Mação. Câmara Municipal de Mação, Mação.

Perpétuo, J. M. A. *et al.* (1999). Tabuaço. Um Passado Presente. Câmara Municipal de Tabuaço. Arqueohoje. Tabuaço.

Proença Jr, F. T. de (1905). Ensaio de um inventário cartographico e bibliographico dos monumentos megalithicos de Portugal. Museu Francisco Tavares de Proença Júnior. Castelo Branco. Inédito.

Proença Jr, F. T. de (1909). A anta da Urgueira. Leiria.

Proença Jr, F. T. de (1910). Archeologia do districto de Castello Branco – 1ª contribuição para o seu estudo. Leiria.

Rodrigues, J. C.; Carvalho, C. N. & Geraldés, J. (2008). Património geológico de Salvaterra Extremo. Açafa on line, 1. Associação de Estudos do Alto Tejo. www.altotejo.org.

Santos, M. C. D. (1999). Os moinhos do rio Ponsul – o estado actual de conservação. Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra. Coimbra. Inédito.

Scarre, C., Oosterbeek, L. & French, C. (2011). Tombs, landscapes and settlement in the Tagus Hill-country. In Bueno Ramirez, P., Cerrillo Cuenca, E., Gonzalez Cordero, A., coord., From the origins: the prehistory of the Inner Tagus Region. BAR International Series 2219. Oxford: 83-91.

Serrão, E. da C. (1974). L' art rupestre de la vallée du Tage. Les Dossiers de L'Archéologie, 4. Merveilleux Trésors du Portugal. Dijon e Paris: 46-51.

Serrão, E. da C. ; Lemos, F. S.; Monteiro, J. P. & Querol, M. A. (1973). Notícias de novas descobertas no complexo de arte rupestre do Vale do Tejo. II

Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, I. Lisboa. 159-179.

Serrão, E. da C. ; Lemos, F. S.; Monteiro, J. P.; Querol, M. de los A.; Lopes, S. R. & Jorge, V. de O. (1972b). O complexo de arte rupestre do Tejo (Vila Velha de Ródão - Nisa) - noticia preliminar. Arqueologia e História, 4, 9ª série. Lisboa: 9-38.

Serrão, E. da C.; Lemos, F. S.; Monteiro, J. P.; Querol, M. de los A.; Jorge, S. de O. & Jorge, V. de O. (1972a). O complexo de arte rupestre do Vale do Tejo (Vila Velha de Ródão - Nisa), primeiras hipóteses e programa de trabalhos. Arqueólogo Português, 6, 3ª série. Lisboa: 63-77.

Serrão, V. M. & Serrão, E. C. (1973). Ensaio de enquadramento arqueológico do complexo de arte rupestre do Vale do Tejo (capitulo II, de um relatório apresentado pelo Grupo para o Estudo do Paleolítico Português à Fundação Calouste Gulbenkian, inédito).

Silva, A. C. (1996). A geração do Tejo. In Luis Raposo & António Carlos Silva, A Linguagem das Coisas. Ensaios e Crónicas de Arqueologia. Publicações Europa-América. Mem Martins: 293-296.

Silva, F. A. P. (1991). Mamoá da Charneca das Canas. Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão.

Soares, J. (1988). O povoado da Charneca de Fratel e o Neolítico Final - Calcolítico da região Ródão - Nisa. Notícia Preliminar. Alto Tejo, 2. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão.

Teixeira, J. C. & Pires, H. (2010). Aproveitamento hidroeléctrico do Alvito - RECAPE - Relatório Final de Levantamento de Arte Rupestre, Medida MM21 da DIA. Zephyros, inédito.

Vilaça, R. (1995) Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze, 2 vol. Trabalhos de Arqueologia, 9. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico. Lisboa: 487 p.

Vilaça, R. (2008). Através das Beiras. Palimage. Coimbra.

www.alcantara.es

www.pueblos-espana.org

Zephyros (2009). Estudo de Impacte Ambiental do Aproveitamento Hidroeléctrico de Alvito, descritor Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico.

GRAFISMOS RUPESTRES EM AFLUENTES DA MARGEM DIREITA DO RIO TEJO NO DISTRITO DE CASTELO BRANCO

F. Henriques, J. Caninas, M. Chambino, F. Robles Henriques, T. António, C. Santos e A. Canha

Anexo 2. Grafismos rupestres do rio Ocreza a jusante da barragem de Pracana

Designação (numeração de rochas e códigos segundo Oosterbeek, 2003)	Margem			Quantidade de paineis	Técnica		Motivos (tipo e quantidade)												
	Direita (D), Esquerda (E) ou Indeterminada (I)				Inciso (IN) Pictado (PI)		Circular (CI), Subcircular (SC), Semicircular (SMC), Espiral/círculos concêntricos (ECC: es = espiral), Oval (OV), Antropomorfo (NA), Zoomorfo (ZO), Manchas (MA), Linhas/Outros (LO: in = indeterminado; li = linha; pi = picotado), Meandriiformes (ME), Covinhas (CO), Filiformes (FI)												
	D	E	I		IN	PI	CI	SC	SMC	ECC	OV	AN	ZO	MA	LO	ME	CO	FI	
Rocha 1 (E/BP)		X		1	X	X						1	1						X
Rocha 2 (E BP)		X		1	X	X													X
Rocha 3 (E/BP)		X		1	X	X									1 - pi				X
Rocha 4 (E/BP)		X		1		X		1											
Rocha 5 (E/BP)		X		?	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--
Rocha 6 (E/BP)		X		1		X									1 - li	1			
Rocha 7 (E/BP)		X		1											vestígio				
Rocha 8 (E/BP)		X		1		X					1 (?)								
Rocha 1 (O/BP)	X			1	X	X	1							1					X
Rocha 2 (O/BP)	X			1	X	X								1 (?)					X
Rocha 3 (O/BP)	X			1	X	X									pi				X
Rocha 4 (O/BP)	X			1		X		1					1 (?)						
Rocha 5 (O/BP)	X			1	X	X									pi				X
Rocha 6 (O/BP)	X			1		X									pi				
Rocha 7 (O/BP)	X			1		X	2												
Rocha 8 (O/BP)	X			1		X								1 (?)					
Rocha 9 (O/BP)	X			1		X				1		1		1					
Rocha 10 (O/BP)	X			1		X				1-es				1					
Rocha 1 (Ocreza)			X	1											2 - li				
Rocha 1 (Ocreza)	X			1		X													X
Rocha 2 (Ocreza)			X	1	--	--									in				
Rocha 2 (Ocreza)	X			1		X							1						
Rocha 3 (Ocreza)			X	1	--	--									in				
Rocha 3 (Ocreza)		X		1		X							1						
Rocha 7 (Ocreza)		X		1		X						4		1					
Rocha 8 (Ocreza)		X		1	--	--									in				
Rocha 9 (Ocreza)			X	1	X	X								1					X
Rocha 12 (Ocreza)			X	1		X				1									
Rocha 13 (Ocreza)			X	1		X													X
Rocha 14 (Ocreza)			X	1		X													X
Rocha 15 (Ocreza)			X	1		X						1			in				
Totais	12	9	10	31	11	21	3	1	3	1 es	4	6	9	3 lh	1				11